



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª

QUARTA-FEIRA 2 DE FEVEREIRO.

N. 605.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.— Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1.ª rs. por serie de 10 numeros;
5.ª rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama
1 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia participando-lhe que, no dia 26, ás 5 horas da manhan, na ilha de Maré, foi esfaqueada a escrava Maria, de dominio de Maria Marcelina, na occasião em que abria a porta de casa de sua senhora.

O assassino que se achava de espreita com fim premeditado, chama-se José Maria e é escravo de Domingos Jacinto Lopes. Até hoje não foi preso, nem se tem providenciado sobre sua captura, quando assegura-se que elle está mesmo dentro da ilha.

A' vista do exposto, espera-se que S. S. expeça terminantes ordens para a prisão do criminoso.

—No cemiterio do Bom Jesus esteve um corpo atirado dous dias sem sepultura.

—Dizem que foi uma mulher escrava, que o senhor mandou enrolar em um panno grosso, enfiar em um pau, e atirar no cemiterio sem guia, sem nada.

—Então o administrador teve carradas de razão em não querer dar sepultura ao cadaver sem a intervenção da authoridade.

—E demais...

—O que ha mais?

—Rolam ali certos boatos sobre uma pobre escrava que succumbiu á força de castigos.....

—Ah, si nós tivéssemos o que verdadeiramente se chama policia, essas e outras não ficariam em mortorio.

—Capitão, corre um boato bem digno da policia se occupar com elle.

—Sobre o que?

—E' nada menos do que dizerem que, o farinheiro d'uma tulha na Praça, o caixeiro d'uma venda, no mesmo logar, e mais dous in-

dividuos, persuadiram uma rapariga, moradora no portão da casa grande da Praça, a se prestar a fins libidinosos, figurando no convite apenas um individuo, e depois os quatro reunidos violentaram-na com excessos que a deixaram maltratadissima.

—O serviço da guarda nacional actualmente está sendo horrivelmente pezado.

—E' um inferno!

Não sei os pobres homens como se podem ter em pé!

A guarda do correio levou sete dias sem ser mudada!

—Isso tem maneira?

Pois o corpo humano não cansa?

Como pode levar um homem sete dias e seis noites a fazer sentinella de quatro em quatro horas? Terá por ventura responsabilidade, si, dominado pelo cansaço, deixar um preso fugir, ou outra qualquer cousa?

—A guarda de palacio tem levado tres dias de *mofa*, a dos Afflictos quatro e da Correção quatro.

—No batalhão de Santa'Anna, tem se dado casos de extremo rigor com os guardas.

Um homem faltou ao quartel e por isso foi mettido no xadrez; do xadrez tiraram-no para a guarda e la o deixaram noventa e seis horas; isto é, fez 16 sentinellas, ou esteve a pé firme 32 horas; no dia em que rendeu-se a guarda, mal entrou ella no quartel, antes mesmo de debandar, o pobre homem, extenuado, morto de somno, lavado de suor, foi de novo atirado ao calabouço.

—Ora isto é reduzir o cidadão brasileiro á condição mais triste do que a do negro de engenho, que sahe do tronco e vae para a palha da canna, voltando desta para seu supplicio.

—Um homem que sahe de uma guarda, onde esteve quatro dias, precisa infallivelmente de acciar-se, banhar-se, mudar de roupa.

Entretanto a recompensa que lhe dão é encerral-o em uma enxovia!

—Quando não lhe consentiram tratar de

alimentar o corpo quanto mais do acciaio-o.
—Não sei até que apuros querem levar a paciência do povo com tanta oppressão.

—O dinheiro arrancado a este povo so serve para desperdícios!

Deram ao Sr. Chamusca, na Mangueira, 1:200 \$ rs. para elle entoxicar os moradores do Bom-gosto.

—Outros dizem que 2:000 \$ rs.

—Não ha nada como ter padrinho!

—Esses felizes alcançam até que o governo lhes pague para envenenar o povo.

—A companhia do Gaz costuma mandar atirar na praia a cinzalha que lhe fica nas fornalhas.

O homem entendeu que devia tirar algum proveito dalli; offereceu-se ao governo para fazer uma bonita calçada na rua do Bom gosto, com a tal cinzalha, por um systema seu.

—A proposta, dizem, fallava em uma camada de areia, uma de barro e uma de moinha de carvão de pedra, isto é, o residuo que sahe das retortas.

—Qual moinha, senhor! Esta, vende a empreza a 9 \$ rs. a tonelada aos caieiros e não é tão tola para dar ao Sr. Chamusca de graça. Cinzalha, sim, porque ainda livra a empreza do trabalho de mandal-a atirar na praia da Jequitaia.

Mas escute o fim.

O Sr. Chamusca recebeu os cobres, chulou-os e semeiou a rua de cinzalha com que está prejudicando a vida dos moradores do Bom-gosto.

E' uiaa queixa de todos os lados.

Os pratos, os moveis, a comida, vivem cobertos de poeira, a qual entra imperceptivelmente pelos gorgomilhos da gente.

—E ali que passam sempre boiadas, carros, cavalloos carregados.

—E' o diabo quando desembarca o gado da estrada de ferro e passa ali.

A cavallaria do Rio Grande, em marcha forçada, não levanta mais poeira.

—Mas o caso é que o Sr. Chamusca teve os cobres e quem lh'os deu a comer não trata de verificar que obra fez elle.

—Isso é que é de veras.

—Então viva a patria e morram os patifes.

—Que diabo tem a patrulha hoje?

—Aquillo é força de bebida.

—Não pode ser outra cousa.

Si passa uiaa preta com alguma trouxa, os soldados a fazem arriar e passam revista, a titulo de ordens recebidas do subdelegado.

—Agora embirraram com as tavernas,

ainda são 8 horas da noite e querem que os taverneiros fechem suas casas.

—E' justamente o que diz V., é força de bebida.

—Ora, hoje domingo 30, V. o que quer?

—E coube logo por sorte virem estes policiaes patrulharem na freguezia de Sant'Anna...

—Que policiaes tem a Bahia!

—Sr. inspêctor, de duas uma: ou espanque a mulher como particular, ou prenda-a como authoridade.

—Ha de ser uma cousa e outra.

—Ora isto é justiça da Rua do Paço.

—E scenas do Taboão, depois do fogo de S. Gonçalo.

—Capitão, no domingo á noite houve um grande sarceiro na rua Direita da Misericordia, na lojinha n. 3—A, onde mora uma rapariga feliz.

—Já me contaram isso; houveram garrafas por cima do tempo.

Dizem que foi um tal tenente Barboza, que, tendo comprado uma *costura* em mão da rapariga, não lhe quiz depois pagar, dando-lhe em cima uma bofetada.

—E ella arremessou sobre elle a sua *artiharia* de garrafas.

—Que duvida! serviu-se das armas que tinha em casa.

—O que admira é que o barulho, levando um tempo immenso, não atrahisse um só agente de policia!

—Eu só sei dizer que, si não é o povo que accommodou a cousa, o negocio iria adiante.

—Quantas palavras immoraes proferiu a tal messalina!

—E a policia esteve ensurdecida a tudo isto!

—E' inegavel que isto é uma terra do viva quem vence!

—Capitão, venho dar-lhe uma noticia.

—Vamos lá com isso.

—Na segunda-feira, ás 9 horas da noite, ouvi toque de apitos para os lados do theatro, e encan inhei-me para o logar.

Havia muita gente reunida no principio da rua de Baixo.

«—Está presa a mulher, á ordem do subdelegado, dizia um criançaola, que me informaram ser inspêctor de quarteirão.»

«—Não ~~vag~~ presa, isto é desaforo, clamava o povo.»

Continuavam a tocar apitos, e nem um soldado de policia apparecia.

Por fim deliberou o povo que a mulher

fosse levada á presença do subdelegado, mas, ao chegar ao becco de Maria Paz appareceu um soldado de policia e o inspector entregou-lhe a mulher para leval-a á Correecção.

Travou se ali um conflicto e a mulher desappareceu das vistas do soldado e do inspector, sendo este pateado depois pela turba que o cercava, porque esta reconhecia que a prisão era feita sem fundamento algum.

— Como se chama a mulher?

— Josepha, mas é conhecida por *Pata-choca*.

— É o inspector porque prendeu-a?

— Por tel-a convidado para ir em casa d'elle; mas como ella regeitasse o convite e elle insistasse, deu-lhe uma bofetada.

— Então foi por isso?

— Sim.

— Quem se expõe a amar, se expõe a padecer.

— Agora o que admira é que levou-se a apitar desde 9 horas até ás 19 e não appareceu a patrulha do districto.

— É não é isto só; admira mais que um inspector de quarteirão, que deve ser o primeiro a fazer manter a boa ordem, seja o primeiro a provocar desordens. Para que dirigiu elle graças á mulher?

— Depois, indo ella de costas quentes, por que levava o seu capão junto, um tal Salvino.

— Tanto melhor!

— O certo é que, depois de toda a palhada, o inspector procurava a casa onde a mulher havia entrado, estando ella em uma casa defronte mesmo do inspector e do ajuntamento.

— Mas V. não sabe que a policia desta terra, alem de ser surda, é cega?

— É o que me parece.

— Estas authoridades policiaes arbitrias e despoticas, só servem para perseguir os pequenos.

— Principalmente quando não se podem desabafar com os grandes.

— Abusam da lei impiamente, infringem-na, praticam mil desvarios, tornam-se carascos da liberdade individual, e tudo sem responsabilidade!

— Ah! é que está o mal.

— Dizem que o delegado do Pombal recrutou quatro creanças, a mais velha das quaes tem 14 annos, e trabalha para alimentar o pae sobre uma cama, e remetteu-os para a capital.

— Mas com que fundamento?

— Capricho unicamente.

O chefe de policia achou tanta sem razão, que reprovou o acto do seu subalterno e immediatamente mandou restituir a liberdade aos recrutados.

— Honra lhe seja feita nesta parte.

É o que me faz sympathisar com aquelle homem.

— Porem o delegado do Pombal, com seu procedimento illegal, causou dous prejuizos, que em outro paiz, onde se respeitasse a opinião publica, onde as instituições fossem uma verdade, onde o povo tivesse o direito de saber em que vae o seu suor, elle seria arrastado a indemnisar.

Onerou os cofres publicos com uma despezas inutil com o transporte de recrutas que a lei isenta do recrutamento; e causou grave detrimento ás familias das victimas, pondo pobres senhoras na dura alternativa de transporem cumpridas legoas em uma penosa viagem, cheia de fadigas, para acompanharem seus filhos.

— E as despesas de torna-viagem? Os desmanchos que soffrem suas propriedades, suas lavouras, em quanto estão ausentes?

— E tudo isso se dá em um paiz constitucional e todo esse cortejo de arbitrariedades e infracções é praticado em nome da lei!

— E dizem que o Paraguay é um paiz infeliz!

A PEDIDO

— Dá licença, Sr. capitão?

— Pois não, meu charo.

Temos alguma cousa nova?

— Muitas e boas.

Mas, antes de tudo, diga-me: como se houve o negociante dos defuntos com o muxingueiro?

— O muxingueiro executou maravilhosamente a commissão.

— Porém aquillo é cousa muito ruim e nunca sentiu o rubor do pejo assomar-lhe ás faces; aquella cara de barro amuado não cõra.

Mas eu, meu capitão, hei de dar-lhe meia duzia de sapeças boas.

Este biltre, quando ainda burrinho, quero dizer, moeinho, era levado pelo finado pae como prato em leilão, a fazer e desfazer casamentos, porque, dizia elle, só o havia de casar com filha do sol e neta da lua, ate que a final o jumentinho humano, dominado por insaciavel gana de devorar uns sessenta concuculos de uma orphan la para a *Ma-viagem*, arranjou esto par de botas, e eis o casmurro casado.

Porem note, capitão, que elle, antes de casar, não reparou nem sua familia e parentes, que a orphan não era de sua qualidade e só depois de embolsar os concuculos é que viu isso, e então toca o bruto e toda sua afidal-

gada parentolla a maltractar e desprezar aquella cuja fortuna estava elle desfructando.

Pobre orphan! que transos passou na vida, que continuo viver de lagrimas não foi o seu, que lh'o fazia verter o monstro a cada passo!

Muitas vezes a vi com o rosto desbotado, acabrunhada de pezares, lamentando seu destino cruel, muitas vezes a fui encontrar banhada em pranto, lastimando-se da maneira grosseira porque era tratada por aquelle que casou com seu dinheiro.

A morte é a bemaventurança dos desgraçados.

A infeliz, a quem a posse de alguns bens da fortuna fizera desditosa, descançou desta vida.

Desse desastrado consorcio teve o monstro tres filhos; um morreu; restam o mais velho e o mais moço. Pois este pae desnaturado não faz caso dos pobres orphãosinhos, e os trata como si fossem engeitados.

Tem feito no inventario de sua mulher as maiores ladroeiras; cousas que fazem pasmar de horror. Si a extorção fosse feita a estranhos, não admiraria; mas a seus proprios filhos, é horrivel!

Capitão, é uma obra de charidade e a mar a attenção do juiz dos filhos sem paes para a sorte daquelles infelizes meninos.

O abutre ja devorou o casal do pae, o que mais logo lhe contarei, e agora cava a desgraça de seus filhos; pois a propria casa onde mora está passada a um rico negociante, seu compadre, por não pequena quantia.

Tudo isso para nutrir a fofice de seu genio perdulario; ou para enterrar na voracidade do jogo.

—E como aquelle tratante arrota tanto de homem de bem!

Muxingueiro, arma-te com a taca, vae segunda vez ao becco d'agoa com mel, senta-te em baixo do pé de carvalho, espera pelo tratante e traze-m'o.

—O'él! Hoje temos dança de rato; decididamente cuspo na cara do safadinho.

—E eu, meu capitão, ca voltarei para continuar a narração e então é que V. Ex. ha de pasmar.

(Continúa.)

Roga-se ao Illm. Sr. chefe do trem do mar, muito conhecido pela sua probidade, honestidade e boas qualidades, que se condôa dos pobres pequenos, não consentindo que o homem que nunca foi, nem é leal a ninguem, o qual sempre andou em procura de granja, para saborear os bons fructos que a terra produz, não os persiga com a sua vara de ferro, só propria para marinheiros que estão debaixo do regulamento do conde de Lippe.

Quo isto por cá é diferente de bordo de um navio, que aqui trabalham homens livres para sustentar suas familias com honestidade e honradez.

Que em vez de estender uma rigorosa fiscalisação a elles, a estenda á alguns grandes que a todo instante embarcam biscoas e fazem patotas de grande escala.

Que isto não é um certo navio *aduaneiro* que commandou, aonde fez suas patotas nas compras dos generos, que lhe eram encarregadas.

Que se deixe de ser tão rigoroso, que seja mais humano para com o seu semelhante.

Si não se corrigir, nem arrepiar da carreira que já abraçou, então nos encontraremos outra vez na Jaqueira, aonde fico a sua espera no meu escaler.

O patrão da Januaria.

Amigo Zé-Zef.—Por intermedio do *Alabama* recevi a tua, e por essa mesma bia te mando esta.

Apezar de seres fraco cunsilheiro, concordo que sou um vruto, um animal de marca grande, mas quanto a arripiar carreira na compra de alguns arranjos que me appareçam, isso não, não posso resistir, porque já estou muito abesado a traficancia, que adoptei para meio de vida.

Olha primeiro para ti; tu tens sobre mim a bantagem de teres a vodega á veira de cinco trapiches, emquanto que eu só tenho um em frente de meus olhos besgos.

Alem disso eu moro do lado de terra, e tu á vorda d'auga, com alcapão em casa.

E' berdade que compro algum assucar, algodão, fumo, e outras mianças; tu compras tudo isso, e de mais a mais as rações dos pretos do 2.º trapiche do nome da nossa rua.

E' certo que com esses pretos mora o encarregado de os bigiar, mas, coitado, anda sempre na vota, como eu, e por isso está já com o orgão bisual tão estragado que nada bê, o que é uma fortuna para ti, pois que são elles os teus melhores freguezes.

Olha Zé, bamos aproveitando emquanto não nos armam por ali algum processo, por que a cousa já é muito calba, e as aturidades hão de tomar isto em considração.

Eu cá tenho o meu officio de chapleiro. e tu? ah sim, tu boltas para a estrada do curralinho.

O negocio dos dous ternos de pezos já está descoberto.

Teu cullega e amigo

Chétas.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª

TERÇA-FEIRA 8 DE FEVEREIRO.

N. 606.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.
ASSIGNATURAS: — 1\$ rs. por serie de 10 numeros;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
7 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, pedindo-lhe providencias para que cesse o spectaculo de andar pelas ruas uma menina, exposta, atraz das irmans de charidade, carregando na cabeça cestos e trouxas para o hospital.

Não é crível que a Santa Casa, com o grande rendimento que tem, precise que uma menina livre seja obrigada a trabalhos, que, pelos habitos do paiz, são destinados a escravos ou a quem livremente quer carregar para si.

Si as meninas de côr branca não são empregadas em tal serviço, é estranhavel que as irmans de charidade lancem mão desta, por ser de côr preta e andem com ella atraz de si, como si fosse sua escrava, a carregar fardos, cestos de fructas, e acepipes para sua meza. Espera-se portanto da rectidão de S. S. que este abuso desapareça.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, por conta do respectivo proprietario, faça arrear quanto antes os andaimes de uma casa, ao principio da ladeira da Misericordia, os quaes, por gastos e podres estão cahindo aos pedaços e podem prejudicar a vida de alguém, transitada como é essa ladeira.

Esses andaimes, que estão assentados a mais de anno, são de uma obra a cargo de Antonio de Aquino Gaspar, parada a igual tempo; o que se observa para pleno conhecimento de S. m. Cumpra.

— Ha tres dias que passo na rua das Campellas e vejo este armazem de trapos e cançacés entulhando a rua.

Parece que tres carros da limpeza são poucos para conduzir tanto *cacareco*.

— Sabe o que foi?

A neta desta pobre velha, tendo de mudar-se e não querendo leval-a comsigo atirou-a

no meio da rua com toda esta traquitanda!

— Ingratidão sem quilate para com, sua mãe, duas vezes!

— Por isso é que ha tres dias vê o senhor este quadro edificante no meio de uma rua transitada, dentro desta civilisada cidade.

— Eu não sei de tanta coisa que se passa nesta terra, como a policia não vê nada!

— O que houve de mais?

— Uma mulher que foi espancada brutalmente no Maciel de Cima, casa n. 7-A; gritou por el-rei de França e ninguém lhe acudiu.

— Quando?

— Quarta-feira; fazem oito dias e ainda está gravemente offendida, com a cara partida e o corpo todo amassado.

— Sabe-se quem deu?

— Ciúmadas do amasio.

— Ora, não vale a pena; são questões domesticas que ficam em nada.

— E' que a mulher podia ou pode morrer, sem que a policia se *dé a cheirar*.

— A rapariga que foi forçada em uma tulla na Praça, recebeu 20\$ rs.

— Preço, sem duvida, porque se prestou a acção degradante.

— Não; recebeu-os para, si por accaso a authoridade tomasse conhecimento do facto, ella negar tudo e declarar que o que se passou foi com seu amplo consentimento

E assim succedeu.

— Sua alma sua palma.

— Diz o *Jornal* que o delegado do Pombal não recrutou á menores, e sim que enviou cinco delles que *julgou abandonados* e no caso de gozarem da protecção do aviso do ministerio da marinha, de 7 de dezembro do anno p. p.

— Ora está gente a querer fazer dos mais *menino do cego!*

Pois as mães desses menores que se abalarão de tantas legoas para virem a secretaria da policia reclamar sous filhos, não se apre-

sentaram primeiro ao delegado do Pombal fazendo igual reclamação?

E porque não lhes entregou elle sous filhos?

—De duas uma: ou supina ignorancia em interpretar a letra do aviso, ou decidido capricho em infringir a lei.

—As irmas de claridade estão contaminando a Bahia inteira!

—Olhe que V. não deixa essas charidosissimas senhoras socegar!

—Por força; não posso ver se arrancar assim o pão da bocca de minhas patricias para dar-se a mulheres estrangeiras.

Agora esperam um cardume d'essas hypocritissimas senhoras para irem tomar conta da administração do hospital de Misericordia da cidade de Santo Amaro.

—Hum!

—Então; acha bom ellas invadirem assim todas as casas pias?

—Ellas não tem culpa; culpa tem quem as manda buscar!

—Mas deixe estar que a hora da punição será tremenda!

—A lei em mão de certas authoridades, torna-se uma maquina infernal de odio e vinganças.

Estribados nella cevam seus caprichos e de seus amigos.

—O povo não encontra justiça quando se trata de servir a amigos, ou correligionarios politicos.

Escurece-se a razão e o direito.

—E bem raros nos tempos de hoje são os magistrados que podem livremente metter as mãos em suas consciencias.

A maior parte das vezes o juiz não é venal; mas para servir a um amigo, a um sectario politico, torce a razão e o direito e deixa de reparar uma injustiça, de revindicar um direito torpemente extorquido pela prepotência, somente porque lh'o pedem esses amigos!

—E quantas vezes não tem a toga veneranda do preposto da lei, que devia ser inexoravel com o crime, animado sua reproducção, absolvendo um criminoso por condescendencias e affeições?

Quantas vezes o fraco, que vae procurar na lei a reparação de um aggravo, de uma extorsão, de uma iniquidade, não sabe de cabeça baixa com a decepção no coração, em quanto a impunidade se mostra activa e alta-neira?

—Quem sabe, si agora mesmo, algum caso desta ordem não se estará passando, no solio augusto de Themis, onde as conveniencias humanas deviam de ficar de parte?

—E V., meu moralista, cale-se, que o mundo para ser mundo ha de ser assim.

—Capitão, o Sr. Rufino José Travassos, com loja de bahús, pede que se declare que o Travassos de que falla uma publicação no *Alabama* n. 603—604, sobre o José Argolinha, não é elle.

—Não é preciso. Todo mundo pela leitura concebe que Travassos é um individuo saveirista.

—O Sr. tenente Barboza, do corpo policial, faz igual reclamação a respeito da identidade de nome entre elle e o individuo que brigou na rua da Misericordia com uma metretiz; facto que foi publicado.

—Seja satisfeito.

O individuo que na noite de 30 do passado brigou com a moradora da casa n. 3—A, á rua da Misericordia, é um Barboza, charuteiro, que se inculca de tenente de voluntarios.

Creio que assim fica satisfeita a susceptibilidade do Sr. tenente Barboza a tal respeito.

—Os soldados de policia estão nas condições de usar de tanga; não lhes dão o que vestir.

—O caso é que elles não andam nús.

—Porque compram fardamento á sua custa do minguada soldo.

—Ha pouco coseu-se muita farda e muita calça na policia.

—Do que serve, si não dividem?

Aquillo é só para constar. Devem aos soldados os fardamentos de 1868, 1869 e 1870.

Ha soldados que desde que sentaram praça não tiveram uma peça de roupa.

—Nem o fardamento de recruta?

—Nem isso. Vestem-se á sua custa.

E como os bonets ja estão cor de rato pelado, ainda obrigam os homens á uma despesa de 2\$ rs. com duas capas brancas para cobrir os bonets; isto é, duas, para mudar uma quando estiver suja.

—E' o diabó! ha dinheiro para tanta *mingin*ja e só não ha para o que é de necessidade.

Agora mesmo o presidente acaba de cortar uma fatiasinha dos cofres geraes para o Sr. Rocha Lima, mandando-o commandar uma fortaleza desarmada e que já teve baixa.

—Assim nunca ha de se ter uma policia boa, e os soldados por força hão de dar em *grileiros*.

A PEDIDO

Accio da cidade.

1.

A camara municipal acaba de submeter a approvação do governo um projecto provisorio para o accio da cidade.

Sem melhorar o onus que pesa sobre os cofres da provincia, torna se o serviço mais impróficuo e precario.

Si, actualmente, com 66 carroças e 6 agentes fiscaes, destribuidos pelas freguezias, para inspeccionarem o trabalho dos carroceiros, o serviço não é perfeito, como o poderá ser diminuindo-se o numero de carroças e sem a devida inspecção, visto que dous inspectores são insufficientes para percorrer todo perimetro da cidade e providenciar a urgencias momentaneas?

As multas nenhuma efficacia produzirão, porque os arrematantes procurarão pretextos para dellas se alliviar; ja soccorrendo-se a evasiva de que as ruas são emporcalhadas depois de varridas; ja procurando outras desculpas com que se possam subtrahir as referidas multas.

Por sua parte o governo, que parece predominado da caprichosa birra, de arrancar das mãos actuaes a limpeza da cidade, embora vá ella cabir em outras inaptas e inhabilitadas, insinúa a camara a que lance sobre as classes pobres um tributo de 500 rs. mensaes.

S. Ex. mede as condições da pobreza pelas suas.

Encarando-se isoladamente, 500 rs. não é nada; mas para este povo que ja paga imposto pessoal, que é cossado pela guarda nacional, cujo pesado serviço lhe subtrahе o tempo que deve ganhar o necessario á vida; nesta epocha em que, pelos enormissimos direitos, os generos de primeira necessidade estão carissimos e outros escassearam do mercado; como a manteiga ingleza, a cebolla, etc., 500 rs. é uma contribuição onerosissima e forçada.

Podem pagar aquelles que tem facilidade de prover-se e aos seus nos empregos publicos; o povo não.

Si o serviço como é actualmente feito não satisfaz as exigencias publicas, ao menos del le tem resultado alguns melhoramentos e ja não se vê na freguezia da Sé os enormes montes de esterquilinio como havia em frente a igreja d'Ajuda, becco do Curiaxito, rua da Lorangeira, travessa da Ordem 3^a, Pau da Baudeira e outras.

Que para obter-se um serviço mais ou

menos regular, não é demasiada a quantia actualmente dispendida, prova-a a opinião emittida pela camara municipal e a falta de concurrencia, ha tres annos, em que está em hasta publica o serviço do accio da cidade. O que transluz em tudo isso, por mais que o queiram disfarçar, é que ha decidido proposito em desconsiderar transactas administrações nullificando seus actos.

Suspender o serviço da limpeza, como ameaçou o governo, em seu officio de 5 de janeiro a camara municipal, é arisear a saúde publica, nesta estação em que grassam febres perniciosas; porque as montureiras surgirão por encanto em cada canto de rua, em cada becco.

E' verdade que o presidente declarou estar resolvido a fazer observar as posturas municipaes, por intermedio da policia.

Porem perde seu tempo e não conseguirá mais do que crear conflictos.

Toda vigilancia da policia não será capaz de extinguir a porcarias das ruas.

Além disso, o povo habituado ao actual systema de despejo do lixo, ha de custar muito a se desarraigar delle, e teremos a policia em constante lueta com a população, sem resultado benefico, porque a policia da Bahia, diminuta como é, imprevidente, deleixada, não poderá impedir em todos os pontos da cidade que se despeje cisco.

Uma patrulha que estiver no Terreiro não poderá prohibir que se faça despejo na rua dos Capitães, etc.

O que se seguirá é que a policia terá muitas vezes de impor multas áquelles que não infringiram as posturas municipaes.

Nada mais facil do que o individuo sahir com uma trouxa de cisco e deixal-a em frente á casa de outro, e no dia immediato ver se a policia em lueta, querendo condemnar o innocente.

Estas linhas diatdas unicamente no interesse do povo, unico soffredor, se estenderão a mais algumas considerações sobre o assumpto.

—Capitão, vou lhe contar o que por ali vae de bom.

—Diga e não perca tempo.

— Na rua dos Carvoeiros, freguezia da Sé, loja n. 19—A, mora a africana de nome Felicidade, a qual tem uma sobrinha, crioula, de nome Anastacia.

Anastacia, tem em sua companhia uma criancinha de 5 a 6 annos, de nome Constança, orfan de pae e mãe, e pagan, a qual soffre de Anastacia os mais cruéis tractos, sendo até queimada a tição pelo corpo, pelos peitos e até nos labios.

Ha um mez passado, chegando essa criança á porta da rua, foi vista por alguém, que despertando-lhe a compaixão e curiosidade interrogou-a e ella respondeu que aquillo era feito por sua mãe com um tição de fogo. D'ahi até hoje, ficou Constança recolhida á cosinha sem mais sahir á porta, e perguntando-se por ella, respondem que não está.

—E o chefe do policia saberá disso?

—Qual! Si elle soubesse o caso tomaria outro geito.

—E era a felicidade da infeliz orfan desvallida e pagan.

—Moça, o que quer a estas horas?

Não pode subir.

—Sr. sentinella, deixe-me entrar; eu não sou pessoa estranha. S. Ex. conhece-me bem de perto.

—Mas S. Ex. não dá audiencia ás 11 horas da noite.

—Eu não vim a audiencia, vim a *conferencia*.

—Seja como for, não pode entrar.

—Que gritos são estes ali na porta?

—Uma mulher desconhecida, que quer entrar, Sr.

—Sou eu, Exm.

—E porque não sobe?

—O sentinella não quer.

—Então isso é de sua conta? Como é que quer prohibir que a moça entre?

Quem o authorisou a ingerir-se nos negocios de minha familia?

—Mas, senhor, esta moça... eu sei bem ella quem é... e sei perfeitamente que não é da familia de V. Ex... por isso é que me oppuz que a estas horas penetrasse no paço.

—Cale-se, insolente; que posso o mandar já prender.

—Eu sei que V. Ex. pode mais; porque V. Ex. é Thomé de Souza desta terra, e eu sou um pobre guarda do 3.º

—Sr. cara de ladeira da Soledade, V. não é um homem casado, com idade sufficiente para conhecer o que lhe está bem?

Como é que está sempre em casa da viuva que recebe do Monte-Pio dos Artistas o cobrinho que lhe toca, e que está prestes a perdê-lo por sua causa, logo que o sociedade o saiba?

Sr. redactor. —Lendo no *Alabama* de quarta-feira 2 do corrente, a noticia de que no cemiterio do Bom-Jesus, estivera por dous dias, insepulto o cadaver de uma mulher escrava, corre-me o dever, na qualidade de ad-

ministrador do dito comiterio, de rectificar a noticia e explicar o facto como se deu.

No dia 13 de janeiro, trouxeram ao comiterio, envolvido em uma rede, um cadaver, sem que estivessem preenchidas certas formalidades que o regulamento do mesmo exige.

Mandei sobrestar a inhumação do corpo, até que fossem cumpridas as referidas formalidades; satisfeitas ellas, procedeu-se immediatamente ao enterramento, sem que a isso medeiasse, ao muito, mais que o espaço de 4 horas.

Da guia do Rev. parochó consta ser uma preta de 70 annos, escrava, fallecida de inflammation interna.

Sou, Sr. redactor

De V.

Hermenigildo Pereira d'Almeida, administrador do cemiterio do Bom Jesus.

VARIÉDADES.

Motte.

*Amor de frade faz medo
Fujam delle a desfillada*

GLOZA.

Sim, tu vives no enredo
Do ciúme devorante,
Por isso dizes a amante
Amor de frade faz medo
Confessa, amigo, (em segredo)
Algum te subiu a escada?
Deixou-te a frente elevada
Semelhante ao marroaz?
Tens rasão, grita rapaz—
Fujam delle a desfillada

Innocencia.

Estando certa mulher a rezar com o filho, que pouco mais tinha de quatro annos, disse-lhe:

—Ergue as mãos e pede a Deus que nos dê pão.

Respondeu immediatamente a creança:

—Pois elle é padeiro?

Recurso desesperado.

Demittido um empregado publico, principiou a dizer por toda a parte que se o não reintegrassem, brevemente lhe morreria muita gente nas mãos. Perguntando-lhe o chefe de policia o que entendia por aquella ameaça, respondeu:

—Eu não ameaço ninguem; o que digo é que se me não dão outra vez o meu emprego, vou estudar medecina.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SÉRIE 61.^a

SABBADO 12 DE FEVEREIRO.

Ns. 607—608.

Publica-se na typographia de Marques, Aristidos e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.
ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
11 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, no becco das Hostias, freguezia de Sant'Anna, mora Clara de tal, parda-escura, a qual tem em sua companhia uma menina.

Acontecendo, no dia 9, que a referida menina, por descuido ou accaso, quebrasse uma frigideira, foi atrozmente espancada pela tal Clara, a qual, não contente com o excessivo castigo, que acabara de applicar, lançou mão de uma acha de lenha e fez enorme brecha no craneo da pobre creança.

Si as obras de misericordia permitem castigar os que erram, ninguem tambem está legalmente authorisado a converter-se em carasco da humanidade e muito menos de uma creança.

Levando-se ao conhecimento de S. S. reclamações desta ordem, que podiam ser feitas ás authoridades subalternas, é na confiança de que S. S. não contemporisa com abusos taes, e portanto espera-se a justiça que o caso requer.

—Ao Illm. Sr. director geral da instrucção publica, extranhando que, terminando as ferias do ensino primario a 8 de janeiro, ainda no dia 5 de fevereiro estivesse fechada a aula primaria para o sexo feminino na cidade da Cachoeira, ignorando-se si nesta data ja cessou semelhante omissão, ou si ainda continúa, o que cumpre que S. S. verifique e, no caso de continuar, faça immediatamente seguir a respectiva professora para seu destino.

—Dizem que na Mangueira, freguezia de Sant'Anna, em casa do barão do Rio Vermelho, ha dous cavallos, que, a certo signal, avançam sobre as pessoas.

—Credol!

—E que os creados do nobre fidalgo divertem-se em lançar os fogosos animaes sobre pretos, creanças, e mais alguem.

E' verdade, que logo que elles partem, os fazem retroceder por outro signal.

—Cruz!

Bom divertimento que causa sustos, carreiras e quedas.

—O Sr. Cosme Damião de Santa Rosa podia morrer na segunda feira.

—Boa duvida! Para morrer basta estar vivo.

—Eu fallo de uma desgraça.

—Ah, isso é caso differente.

—Sujeitos, que andavam passarinhando na estrada de Brotas, deram um tiro, cujos caroços de chumbo vieram cahir-lhe nas pernas.

—Ha uma postura que prohibe.

—O haver ha; mas não se executa.

—Então é cada um pedir a Deus que o livre das más occasiões.

—Capitão, teve noticia de um factio acontecido, ha dias, em S. José, freguezia de Santo Antonio?

—Não.

—Foi surrada a creoula liberta Perpetua, conhecida por *Perpetua grande*, que foi escrava do Sr. Piapitinga, á Cruz do Cosme.

—Quem praticou tão bella acção?

—Filippe, trabalhador no curral, tambem liberto, e que foi da casa do Sr. Tito Mello.

—O tempo está para isso; cada um desabafa-se por suas mãos.

—As serventes do hospital da Santa casa são verdadeiras creadas de servir das irmans de charidade.

—Eu creio que são assalariadas para o serviço puramente do estabelocimento; acção da casa, tratamento dos enfermos, etc.

—Porém as irmans de charidade aproveitam-se dellas para seus afazeres particulares.

Além de serem constantemente distrahidas em compras e mandados; quando chegam os

vapores da Europa convertem-se em ganhadores do canto.

Hontem, 8, com a chegada do *Amazona*, as serventes do hospital levaram carregando pacotes e bálus para serem embarcados, acompanhadas por duas charidosas.

—E' um abuso inqualificavel.

Então essas mulheres, que desfructam da Santa Casa gordos vencimentos, estão no caso de ainda se locupletarem com o serviço dos empregados?

—E' um roubo.

Si querem ter creados para seus negocios, porque não os alugam?

—Está como ellas zelam os interesses da Misericordia.

—A culpada é a Meza, que consente este desaforo e outros muitos a favor de taes mulheres, porque são estrangeiras.

—Entretanto tem-se cortado tudo que é dos brasileiros ganhar um vintem n'aquelle estabelecimento!

—E o dinheiro não chega para nada!

—Tudo soffreu córte.

Antigamente havia uma collegiada de 6 a 8 padres, rezava-se côro todos os dias, nos domingos missa cantada; hoje acabou-se com tudo e reduziram a dois capellães.

No hospital a economia chega ao ponto de dar-se agoa de ração aos doentes, e so para o luxo desordenado, para as extorções que fazem as irmans de charidade em seu beneficio, não se olha!

—Orá que os malvados sempre hão de ter protecção!

—O que foi que aconteceu?

—Angelo piloto é um perverso do diabo, um larapio atrevido; ha mil factos d'elle na policia e nas subdelegacias diversas.

Pois, um individuo desta ordem foi preso ha dias com uma arma prohibida e em lugar de ter a punição da lei, achou logo protecção e foi solto.

—Onde foi preso?

—Creio que na Rua do Paço.

—São o diabo essas condescendencias, quando se tem de cumprir a lei.

—A semana passada, deu-se, na Estrada Nova, um facto criminoso, que attesta que ninguem pode contar com a acção da justiça quando aggreddido.

—O que houve?

—Isto mais ou menos:

Antonio d'Argollo, operario pintor, casado, entrou em uma casa de banhos, onde, depois de banhar-se, deu dez tostões ao feitor para cobrar-se de tres vintens: esto por

não ter cobre, guardou-os e disse que viesse receber o troco no outro dia, argumentado que não se ia tomar banho com dinheiro inteiro; ao passo que Argollo pretendia que fossem a uma venda proxima trocar a cedula, ao que retorquia o feitor que não podia deixar seus afazeres para ir trocar dinheiro, nem confiava que Argollo fosse só, porque podia empinar-se.

O desfecho da questão foi receber Argollo uma facada sobre as virilhas.

—E o aggressor não foi preso?

—Qual, senhor!

—Em que altura deu-se o facto?

—Adeante do Manoel dos Papagaios.

—Estes homens entendem que por qualquer nada devem se trucidar!

—E a impunidade em que vae o crime, cada vez mais o authorisa.

—As casas de pasto, entre nós, são daquelles objectos que reclamam séria vigilancia dos que são obrigados a velar pela saude publica.

—Sim, Sr., é pura verdade.

—Quasi em todas ellas, com bem poucas excepções, as cosinhas, vasilhas, e mais perences culinarios são focos de porcaria.

—Não ha muito tempo que, entrando em uma casa destas, a qual passa por uma das de primeira ordem, depois de me ter servido, pedi a conta.

O pedante do caixeiro saccou um lapis do bolso, fez a conta dentro de um prato e depois apagou-a com o dedo que havia molhado com a saliva da bocca. Isto repugnou-me!

Assentei-me a um canto para descansar a comida e d'ahi a pouco entrou outro freguez, que foi servido no mesmo prato que ha pouco havia levado dedadas de cuspo!

—Um amigo disse-me que, em uma casa de pasto, onde havia uma preta servente, esta, sempre que lhe pediam um prato com pressa, por abreviatura, limpava-o na saia.

Felizmente esta fechou-se.

—Tambem eu sei de uma onde ha um preto velho cheio de bostellas e feridas, empregado em catar arroz, feijão, legume e, talvez, mais algum serviço.

—Porem isso passa como si fôra cousa que nenhum prejuizo causasse ao povo!

—Os fiscaes não encheram nada!

—Ora diga-me, haverá pessoa alguma que tenha senso commum, que compre para comer, doces, cangicas, jacas, mongunzãs, bolinhos e outras porcarias que se vendem pelas ruas desta boa terra, na cabeça de negros e negras bichentos, cheios do polia, feias e notrentas que causam asco? Algumas ha que

alem da figura indigna trazem no taboleiro uma toalha nauseabunda e fedorenta, com que, em casa de seus senhores, se limpam as mãos de garôpa. A's vezes, estas mercadoras de taboleiro trajam roupa immunda e farrapenta, por entre os buracos da qual se deixa ver um formidavel formigueiro, uma pustula, uma chaga repugnante, de onde cabe pelos lados aquelle precioso licor que ellas uma hora por outra limpam com a mesma mão que pegam no objecto que estão vendendo!

—Tudo isso devemos á incuria dos nossos diligentes fiscaes, que só se occupam com as tavernas, porque é cousa que deixa.

A PEDIDO

—Capitão, venho contar-lhe uma cousa.

—Não sendo negocio massante, estou ao seu dispor.

—É um facto que V. Ex. estimará muito saber.

—Então nada de perder tempo.

—Ora lá vae:

Era thesoureiro do Senhor Bom Jesus do Bomfim, no tempo da independencia, um portuguez, o qual, na entrada do exercito pacificador, ajuntou todas as alfaias da capella e fugiu para Portugal levando-as comsigo.

Depois de estar em seu paiz, mandou de lá uma conta para a meza pagar-lhe, dizendo que o Senhor do Bomfim ainda lhe tinha ficado devendo!

—O Senhor do Bomfim deve á todos os thesoureiros; ainda não vi sahir de lá um devendo a Elle.

—Tambem não sei como elles arranjam essa bolal!

Em vista d'esse facto, como em todas às nações ha homens tratantes, assim como ha honrados; os distinctos portuguezes Joaquim José d'Oliveira, Francisco Antonio Rodrigues Vianna e outros, mandaram vir da Europa, a sua custa, novas alfaias para a egreja, e em meza deliberaram que poderia ser thesoureiro do Senhor do Bomfim qualquer individuo que professasse a religião catholica, menos os de nacionalidade portugueza; disso se lavrou acta e se tem até hoje observado, tanto mais quando essa deliberação partiu desses distinctos portuguezes, em 1823.

Agora, porem, que se pode encartar na meza da devoção do Senhor do Bomfim o Sr. commendador Sampaio Vianna, brasileiro, requereu para que se inutilisasse essa acta porque n'ella via-se apenas a reacção de antigas datas, afim de que tivessem alli entrada os portuguezes.

—E passou o requerimento?

—Não; o Sr. João Ferreira Vianna Lima, oppoz-se a que passasse esse requerimento e pelo que retirou-se.

Ficou adiado depois de alguma discussão; mas é de presumir que passe.

—O Sr. Sampaio Vianna entende encaixar na thesouraria ao Sr. Oliveira, dos chafarizes, e outros portuguezes, seus amigos, porque as vistas delles são de encartarem-se na devoção e comprarem, para deitarem a baixo, as casas chamadas dos romeiros, afim de aformosearem o seu hospital.


—Não o podem fazer, porque aquellas casas não podem ser vendidas, nem alugadas, porque o individuo que as legou ao Senhor do Bomfim, foi somente para descanso dos romeiros, com a clausula de, si se as alugasse, ou tentasse vendel-as, ficarem pertencendo á Santa Casa da Misericordia.

—Elles hão de entrar para a devoção; hão de comprar as casas, deitarem a baixo e ninguem lhes ha de ir ás mãos!...

—Ora si hão!....

—Basta ja haver um brasileiro na devoção que se interessa por isso.

—Mas que brasileiro? Um brasileiro condecorado com uma commenda portugueza, que não deixa de ser um commendador portuguez de bigode pintado!

—Bico!  Esperemos!

o mundo é de quem mais ganha.

No lugar chamado Cachocira de Itabuna, da villa dos Ilheus, ha um personagem que, apenas ha 11 ou 12 annos passados, era um cavalheiro de tristissima figura, um D. Quixote a pé, que andava de jaquetinha rasa, sem calças de entradas largas e uma pantalona com negação de funda, e assim occupava o posto de official de justiça.

Hoje esse biltre traja de lord, roupa fina, pisa firme e emproado a terra, dizendo com seus botões: agora, sim, ninguem pode com-migo! fanfurrice que lhe valeu o appellido de visconde de Itabuna.

E d'onde vem tanta mudança?

Tem o nosso heroe a balda de intrrometer-se em todas as questões, grandes e pequenas, de qualquer estofa; atija as partes, e, depois de accessa a paixão do litigio, toma o partido de quem mais vantagem offerece.

Avultam as despezas e o pobre litigante, quer ganhe, quer perca a causa, nunca mais se livra das garras de tal sangue suga. Nem os enganos de conta, está entendido sempre em seu favor, e tal é a multiplicidade dellas, que esse *Sans-culotte* d'outr'ora, é hoje dono de 4 ou 5 fazendas de cacau; umas compradas; outras tomadas por divida, senhor do

seis escravos em casa, e outros tres hypothecados!

Nomeado official da guarda nacional, se jactava de que tinha braços de ferro e espada de aço fino para defender a patria; mas, ao romper da guerra do Paraguay, a durindana ficou na bainha, e o nosso patriota, so lembrado de seus achaques antigos, requereu passagem para a reserva, no quartel da saude, com medo da marcha.

Roga-se a esse personagem, dê de mão a seu inveterado vicio, siga um rumo mais honrado com a vista em Deus, e a mão na consciencia, si não quer ver o seu nome em letra redonda, em frente de provas e documentos.

Memento mori.

Cincoenta mil patações
Do Paranhos foram ao fundo;
Uns com tanto, outros sem nada!...
Desigualdades do mundo.

Feliz missão diplomatica
Do ministro brasileiro;
Deu jantares, passou bem
E ajuntou tanto dinheiro!

E ao Brasil o que coube
Depois que a guerra venceu?
Teve as botas de Lopez
Para ornar o seu museu.

Lopez é endiabrado!
Tem astucia e tem ardil;
Fica com duzentos homens
Manda degolar a mil!

Não se riam, acreditem,
Julgam que isso é pomada?
Enganam-se, o caso é serio;
Eu não sou de cassuada.

Nem o instincto da vida
Nesta gente teve acção,
Tanto assim que o maior num'ro
Cedeu á menor fracção.

Não supponham que Lopez
Seja um basbaque ou demente,
Que precisando de tropa
Mande matar sua gente.

O homem tem o condão
De alguma fada amiga,
Que faz surgir por encantos
Soldados como formiga.

Não viram logo depois
Quanta força appareceu?
Commandada por Romero,
E Gomez que lhe precedeu?

Pallissadas e trincheiras
Nossa gente ir tomar,

Mas por falta de comida
Não poder mais avançar?

Agora o ponto da guerra
E' feito na Conceição,
Onde está o conde d'Eu
A frente da expedição..

Quer passar o rio Apa,
E seguir por Espadilla,
A' trazeira do inimigo,
Para ver si a Lopez filla.

Q'ou é preso em Curuguay
Pelas tropas brasileiras,
Ou foge p'ra descansar
Nas brenhas das Cordilheiras.

Mas já surge um obstaculo,
E' que não ha cavalhada,
E pode mais uma vez
Dar tudo em palhaçada.

E' preciso que me dirija ao governador do trem do mar para livral-o de cahir nos laços que lhe arma a traiçoeira mão do *desleal tação* que lhe está preparando de ante-mão uma queda horrivel, estrondosa e certa, para depois melhor rir e melhor saciar a sua malvadez.

E' preciso que eu, que fui bem tratado sempre por elle, o tire das grandes difficuldades que o cercam e que o rodeiam, não consentindo que um homem tão bom sossobre e naufrague antes de tempo nos duros cachopos da nihilidade e da nullidade, não cumprindo a missão tão honrosa que lhe foi confiada pelo governo, qual é a de administrar este trem com medidas sabias, energicas e prudentes que suavisem as chagas que abriu esta guerra tão cruenta com que ainda estamos a braços, a qual fez apparecer esta crise medonha que vae produzindo tantos males com os quaes teremos de lutar por muitos annos.

O pobre e os pequenos não podem viver mais n'este bello paiz; porque lhes faltam os meios necessarios-para fazel-o. Como pois se lhes quer tirar o pão, o sustento de seus filhos somente porque acodem ao ponto um, dois, trez, quatro e cinco minutos mais tarde, tirando-se-lhes o unico recurso que ainda lhes resta, trancando-se-lhes a porta d'este trem?

A lembrança de semelhante medida em uma crise d'estas só podia sahir da cachola malvada de um *barbas de arame*, homem terrivel, que, trazendo sempre nos labios um riso sardonico, um riso de Satanaz, guarda no fundo do coração as fezes da malvadez com que sempre se alimentaram os sous antepassados, um dos quaes ordenou que se lan-

cassem homens vivos nas ardentes chammas de um grande incendio que consumiu lindos e bellos edificios de cidadãos notaveis d'esta capital na revolução de 1837!

Não tocarei por ora n'outros pontos mais salientes da vida d'esse homem terrivel, d'esse impostor que se julga um grande personagem, que não tem a menor compaixão de ninguém, que desconhece as leis preciosas da sociedade, que trata com o mais rigoroso cynismo sua familia, levando tudo a calabrote, como si estivesse no convéz de algum navio.

Fuja d'elle, Sr. governador, não se deixe insinuar, nem governar-se por elle, não se confie n'elle porque ja disse a bordo de um navio em presença de muita gente— «aqui não commandam Carlotas dos joanetes—» e não satisfeito de ter dito isto, disse mais, ha bem pouco tempo— «não hei de ser eu que hei de procurar o governador, elle é que me ha de procurar, porque é uma completa nullidade».

Cuidado n'esse *barbas de arame* que lhe está preparando um completo fiasco!

Volto outra vez para meu escaler, ficando a espera do *barbas de arame* para lhe perguntar por certas notas de muita curiosidade e chocarrise que tem nas suas quadernetas sobre as quaes depois fallarei.

O patrão da Januaria.

—A baderna da Saude, que entrou na pastellaria da rua do Tijollo, uma destas noites, e levou, *por graça*, uma toalha, va restituil-a, para que não sejamos forçados a descrever certos feitos da mesma pandega, estampando nome por nome de cada um.

O proprietario.

Um artigo, que sahio n'este periodico, do dia 22 de janeiro, sob numeros 600 a 601 a respeito de certos escandalos praticados no Tororó por uma mulher por antonamasia *Bella*, não se entende com Izabel Joaquina Garcia, moradora no mesmo lugar; Porem sim com Izabel Maria do Espirito Santo, conhecida por Izabelinha.

Manifesto contrasenso.

A decantada colonia nacional de Commandatuba, no relatorio da presidencia do Exm. Sr. Azambuja em 1868 «já então muito florescente, produzia 800 arrobas de cacau, muita farinha, feijão, milho, arroz, mamona, etc.»

No relatorio da presidencia do Exm. Sr. barão de S. Lourenço, em março de 1869, «disse estar tão elevado o engrandecimento

da colonia que tinha prestado carregamentos de diversos generos para 10 barcos, etc.»

Agora finalmente, pela exposição do juiz de direito, que está feitorisando a dita colonia se conhece «que só foram empregados na exportação dos productos da colonia dous barcos— *Conceição Feliz e Horas Vagas!*...»

Onde pois estão os 8 barcos para completar o numero dos 10, referidos pela presidencia em seu relatorio?

Provavelmente esses 8 barcos seguiram para outro porto carregados de cacau!

Muito illudida é a boa té do governo; o governo que se faz cego e surdo, para não ver e nem ouvir a verdade!

Pessoa fidedigna, que esteve em ultimo na colonia e em Una, nos refere que muitos colonos estão botando novos roçados nas matas devolutas do estado, em um lugar chamado Poço, no rio de Una e fundos da mesma colonia, cerca de tres a quatro leguas; outros colonos tem-se mudado para a cachoeira da villa de Ilheus, e alguns estão pescando em jangadas na barra da mesma villa, e que finalmente os colonos vivem em completa liberdade andando por onde bem querem e lhes parece.

E pela santa fé e cega credulidade dê-se um conto de réis mais, por honra da historia ou da firma colonial, e Una que continue no abandono de nem um real ter para reparo de sua egreja que tanto reclama.

A verdade.

No primeiro andar do sobrado n. 23, á rua da Misericordia, moram umas meretrizes, que a noite, sem o menor cuidado, despejam *aromaticas* bacias d'agua para a rua, e quando molham alguem fazem *chiada* galhofa.

Na noite de 8, depois de darem um *perfumado* banho n'um pobre vivente, desculparam-se dizendo que atiraram agua para o meio da rua e não sobre o passeio.

O que admira é que, tendo todas as casas por ali pateo e despejo, essas farpellas atirem agua na rua, talvez pela preguiça de irem até a cosinha e, com mais presteza, aviarem-se para o seu commercio.

Mas, si os fiscaes fossem um pouco mais zelosos, o publico não estaria sujeito ao pouco cuidado dessas heroínas da noite.

—Capitão, no mercado de prendas dos homens de commenda deram-se cousinhas....

—Onde é isso?

—No largo do *riacho Elo*.

—V. foi?

—Por isso é que estou lhe contando o que

vi.

—Mas então?

—Aquillo não passa de uma fôsa e vaidosa ostentação, para se mostrar fitas no *peito*, na maior parte immerecidamente adquiridas.

Muito namoro, muito escandalo, muita bajulação e muito pedantismo.

—O mundo se compõe desses prejuizos.

—A impostura em seu auge, a malcreação e grosseria, proprias de certas educações, que por mais que se queiram encobrir com os ouros da fortuna, hão de sempre paten-tear, a origem de que dimanam, e até a má fé imperando n'aquelle recinto de impostura.

—Eu não sei como, em um lugar onde todos contribuem, se dão dessas cousas que V. diz.

—O que é sinão má fé, subtrahir-se de uns para dar a outros?

No tal *mercado de prendas*, deram-se factos revoltantes.

Chegaram a substituir numeros correspondentes e premios superiores para servir-se ás *peessoas do peito*.

Foi assim que, quem tinha direito a um lindo par de jarros, coube-lhe uma insignificante gaita e outro uma *Maria Beú*.

—Acho ridiculo.

—Eu tive asco e nojo do que vi se praticar.

Não creio na civilização da epocha que permite certas liberdades... onde o galanteio invade as raias da depravação. Semelhante civilização desenha todos os visos da corrupção e mostra eloquentemente que o vicio tem grande ascendencia na sociedade actual.

—Basta, basta, meu charo; si não lhe agradeu a cousa, não volte.

—E aquelles que tiverem senso devem fazer outro tanto para não prestar seu contingente pecuniario a fim de alimentar tolos e presumpçosas vaidades de ostentação de *commendas*.

Accio da cidade.

II.

Analysando-se a avolumada correspondencia official trocada entre a camara municipal da capital e o governo da provincia em relação á questão da limpeza da cidade, vê-se que nenhuma medida de utilidade tem resultado em beneficio da população.

Apenas em todo esse estirado cortejo de banal expediente, encontra-se de um lado dissimuladas reprehensões e censuras, do outro surdo descontentamento e recriminações, e de ambos, increpações á situação que precedeu a actual.

Engenhoso systema de reparar o mal!

Vossos antecessores trilharam caminho errado, e vós, que sois os regeneradores, con-

tentai-vos como lançar-lhes em rosto suas faltas sem praticamente promoverdes o bem!

O governo conhece que o serviço da limpeza é imperfeito e dispendioso e não procura pôr em pratica uma medida, iniciar uma ideia que melhore as condições más por que é elle feito!

Gasta o tempo em discorrer sobre assumptos alheios e tratando da limpeza da cidade, divaga sobre a lavoura e o estado das estradas!

Si o aceio da cidade, hoje imprescindivel, não só pelas condições da salubridade publica, como pelo aformoseamento da cidade, pode ser feito por maneira menos dispendiosa aos cofres e mais satisfactoria ás necessidades publicas, ou ao menos egualmente a que actualmente se faz, porque não lança mão o governo dos meios de que dispõe e não o torna em realidade?

O governo, porem troca palavras com a camara, lança censura ás administrações transactas e não faz nada.

Por sua parte a camara formula um projecto que, si algum merito têm, é o da criação de alguns logares onde possam encartar-se mais uns dous ou tres enxertos.

O serviço da limpeza é pessimo e caro; e pretende se remediar o damno, creando cousa peor!

A que estado, por exemplo, ficariam reduzidas as ruas da freguezia de Santo Antonio varridas uma vez por mez; continuando o despejo do cisco diariamente, porque os habitantes não teriam o dom de advinhar o dia do mez em que o carroceiro se dignasse de ir visital-os?

E concedendo mesmo, que as principaes ruas fossem varridas diariamente, tres carroças seriam sufficientes?

Si hoje 14 carros são mais que diminutos para a cidade baixa, reduzidos a 10 o que será?

O governo falla em um ensaio que se deve fazer, mais realmente parece que todos estão em jejum sobre esse ensaio, que elle não diz qual é.

E conclue, que, si a perfeição do serviço soffrer, a população se deve resignar porque é para seu bem!

Isto é incomparavel na verdade!

O povo que se resigna com tudo que for vexame, porque soffre para seu bem!

Si ha ahi quem ache bem-estar no soffrimento, levante as mãos para o ceu e bendiga o governo da Bahia.

—Capitão, não sabe o que houve na freguezia de Pirajá?

—Diga.

—Mataram com um tiro a um rapaz de 17 para 18 annos, pouco alem da Campina; foi geralmente por ali sentida a morte d'elle por ter boa indole e ser prestimoso: chamava-se Odilio.

Não se sabe a que attribuir esta desgraça, porque não tinha desharmonia e era de habitos pacificos. Deixou uma mãe inconsolavel por ser filho unico e seu arrimo.

Si elle com tão bons predicados, ou por engano, ou directamente o mataram, mal está o Sr. Cotia Brandão, proprietario da Campina, que me consta, foi ameaçado de morte.

—Homem, esse moço não é mau, porque será?

—Disseram-me que, demandando como está, ao pae Thomaz, do candomblé, rendeiro d'elle, a cafila azevichada está para engolil-o, e que ultimamente, dia de reis, um (gente boa e da cidade, lá mesmo, no Terreiro, porque é da gemma) propondo-lhe accommodação, concluiu dizendo, que a não se accommodar elle morreria.

—E o que disse o Sr. Cotia?

—Que quando menino, tinha medo de gente velha, porem nunca teve de caretas.

—Porem dizem que elle não quer candomblé ali?

—Homem, pelo contrario, a mim disse elle que batam até feder, com tanto que paguem a renda e que não exorbita, que são 20\$ rs. por tarefa quanto leva a qualquer outro; porem que Thomaz desde 1847 pagava aos antecessores de sua mulher 10\$ rs. por um mare-magnum de terras, e ultimamente sua mulher elevou a 15 (isto em vosse) porque o preto regula-se por um arrendamento diuturno, e fracturado, por não cumprir as condições estipuladas, e elle que não é molle quer pôr as cousas a seu geito e diz que é seu dono e põe o preço.

—Dizem mais que quer tomar as tres casas do preto.

—Mentira, hemem, são duas, porque o mesmo arrendamento só o authorisou a fazer uma, ficando para o possessorio das terras quaesquer outras bemfeitorias que não sejam legumes, etc.

—Então acho-lhe razão de sobra; porem que o preto, tendo sido de certa casa, tem protecção gratis de advogado, que é apolo-gista acerrimo do candomblé.

—Ora bolas! que tem isto? o Sr. Cotia não é mané assa-ovo, ha de serrar sempre do alto; porque impera sempre a razão, certo de que eu sou do partido d'elle pelo simples facto de ver este candomblé de menos, porque é miseria que se veja tanta gente pervertida

nesta bandalheira, e mais lamentavel ainda ver se gente fina no meio.

—Acabem elles da maneira que for, porem matarem não admitto.

—Qual matar, homem; o moço não é passarinho, é Cotia; e Cotia é mais custoso de matar-se do que passarinho.

—Sempre é bom que o Sr. Dr. chefe de policia tenha isto em consideração para evitar um futuro sinistro a um pae de familia, porque os negros, alem de insubordinados, dizem que tem desmedida protecção de lá mesmo, e V. bem sabe o que é authority da roça para ter esta gente miuda por si.

—Isto é verdade; porem o Sr. Dr. chefe de policia está avisado, e o Sr. Cotia não deixará de ir á sua fazenda por causa de feiticeiros.

Namoros encadernados.

O exemplo que em casa
La uma vez penetrara,
Não o quero reproduzir,
Não quero ser namorado.

E por quem?
Por um pedante,
Que a todo mundo
Diz-se estudante?

Qual o estudo
Deste casmurro,
Que só estuda
Para ser burro?

Ainda estuda,
Qual o cão damnado,
P'ra ver si um dia,
E' aprovado.

Cuide no estudo,
Largue o namoro,
Não queira fazer
Vez de cachorro.

Lá no Cabral,
Está abandonado,
Pois a *Lulú*,
Não quer namorado.

(Continua.)

VARIÉDADES.

Carta

QUE O HABITANTE DE CERTA VILLA DO INTERIOR,
DIRIGIU A UM COMPADRE NA CIDADE.

Compadre e amigo.—Partecipo-lhe que a sua comadre *Ursa* deu á luz um rapagão, gor-do como o capado de tia Michaela.

Hoje estou aqui na villa por que vim partecipar a Sôr vigario desse parto, e, de uma cajadada mato tres coelhos. Ajusto o dia para

o bautizado, compro umas *encommendas* e escrevo a *mecê* na venda do seu *Chico Baptista*, que, me deu uma *foia de papé* com uma penna de ferro. No meu tempo, compadre, se escrevia com penna do ganso — até me lembro que *Mecê* escrevia com uma de peru, daquelle peru que deu ao *Doto José*. Que doutô era aquelle! Mandava a gente tomá um *raloá* e depois comê feijoada! Ah! que destemperamento de barriga teve a defunta *Chica dos Quartéis* com essa receita.

Coitada da *vêia*, tanto andou do quarto para a cosinha, até que afinal foi para a sepultura que nesse tempo era na igreja, e não como hoje que se enterra nos cemiterios onde muita gente entra *pros mattos delles* e sahe abotoando as calças.

Mas, como ia dizendo compadre, o *mio* vae bem; mas compadre si tivermos *veronico* do meiado de janeiro, ai do nosso povo! Nem gallinha, nem capado, nem *rossa*; tudo leva a *pancana*.

Ontem, compadre, chegaram uns *policias*, soldados do governo, que vieram prender a *reculutas*. Ja prenderam dois aqui na Villa e um la no sitio do *Mané Arves* e meu compadre *fo* da *vêa Thereza Pituba* tambem me contou que o *Zé das Egoas* lhe disse que o *Mané Zamba* lhe tinha dito que o *arferes guaiú* lhe contara que um mocinho muito espivitado tomou esfrega de *alho* no *costado*. Ah, compadre, foi bom vir estes *policias* soldados do governo porque andavam uns vultos vestidos de *muié* para fazer o sargento correr, segundo me disse o *Qinqas da loja*, que lhe tinha dito o *Sramento do Gambá*.

Compadre, na villa ha muita fazenda, mas os *vendedor* carrega na mão para ficar rico depressa. Aquelle *picote* que *Mecê* comprava pra seu *Totonho* e mano *Luiz* por trese vintem, está agora por duas pataca, e, me disse o mocinho da venda, que é por *favô*.

Esta está bem comprida, compadre; caluda, por causa da *pacotia*, que é uma *muié* que veio morar por ora aqui e que esfola tudo.

Nada mais tenho a dizer, por ser de *Mecê*.

Ja sabe.

De bom a melhor.

Dous caçadores contavam suas proezas e aventuras de caçada, e um querendo maravilhar o outro, disse lhe:

— Já vi uma lebre que não havia cachorro que a podesse alcançar, porque além dos quatro pés naturaes que tinha, tinha outros nas costas, de modo que quando cançava uns, voltava-se e corria com os outros!

— Oral tenho caçado muitas d'essas lebres; respondeu o outro, imperturbavel.

— E como? diz-lhe o outro.

— Atando dous cães — costas com costas.

Uma menina tão boa como ingenua, era extremamente apaixonada pela manteiga. Um dia disse ella: não tenho tanta pena de Adão por ter sido expulso do paraizo como por ser privado de comer manteiga.

— Como privado?

— Pois elle não foi condemnado a comer o pão com o suor do seu rosto?

— Porque é que Adão e Eva foram expulsos do Paraizo? perguntou um padre aos seus chathecisantes.

Uma pohre rapariga respondeu:

— Porque não podiam pagar a renda da casa.

A pobresinha fallava por experiencia.

Ouvir as duas partes.

Costumava Alexandre Magno, quando alguem se lhe queixava, tapar um dos ouvidos, e perguntando-se-lhe a causa respondia:

— Guardo este para ouvir a parte contraria.

ANNUNCIOS.

Ha dous mezes que desapoareceu da rua da Oração, n.º 4, um cachorrinho, felpudo, todo branco, que acode pelo nome de l'Amour.

Ja foi visto e o Sr. que o tem escondido queira ir entregal-o, si não quer ver seu nome por inteiro neste jornal.

Quem quizer comprar um burro pequeno, bom de sella, dirija-se á ladeira de Sant'Anna n.º 9 que achará com quem tratar, das 6 ás 9 horas da manhan, ou das 3 as 6 da tarde.

Vende-se

requissimas palmas e capellas para anjo mortuario, na loja de Libanio José d'Almeida a rua Direita do Collegio n.º 33—A.

O mesmo declara ao publico que nada deve nesta praça e nem fora della, sendo morador e proprietario na rua direita da Cruz do Cosme.

Vende-se a venda á rua do Fogo, 39, em Itapagipe; a tratar na Ribeira do mesmo logar n. 67.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, com aula primaria ao largo da matriz de S. Pedro Velho, participa aos paes de familia que ja se acha loccionando desde o dia 10 do corrente.

Bahia 11 de janeiro de 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 61.ª

QUARTA-FEIRA 16 DE FEVEREIRO.

N. 609.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, chamando sua attenção para um incorrigivel moleque que, pela ousadia que lhe dá sua senhora, uma tal D. Eudoxia, á rua de Baixo, pratica nessa rua quanta casta de diabrura e insolencia ha,

—Na igreja da Piedade ha agora a apreciação do vulgo um objecto bem curioso.

—Nova gibóia no pescoço de alguma moça?

—Uma cadeira em cujo assento estão gravados os passos da paixão do Redemptor e no centro uma cruz.

—Para que fim?

—E' o assento de uma senhora.

—O que, homem?

—Um sujeito, rico, mandou fazer essa cadeira para quando sua mulher for ao templo do Altissimo ter onde descansar.

—Luxo, vaidade, profanação, sacrilegio!

—O caso é que o homem mostrou desejos que a primorosa obra ficasse na igreja, em exposição, a admiração publica, e os frades mostraram certos escrúpulos; porem..... mediante uma esmola concederam.

—Que tal! os ministros de Christo são os proprios que apagam a fé e amortecem a creença no coração do povo, a trôco de um sorrido ganho.

—E quem diria?

A bunda de uma peccadora sobre o symbolo augusto da regeneração da humanidade!

—Dizem que a secca no centro está terrivel.

—E que tem produzido deploraveis resultados.

—As victimas do horrivel flagello cahem pelas estradas extenuadas e succumbem.

A cada passo encontram-se mulheres e creanças arquejantes.

—O governo tem enviado soccorros.

—Mas como são elles distribuidos?

Tenho ouvido dizer que, com raras excepções, os encarregados seguem o adagio de —Matheus, primeiro aos teus.

Seus escravos tambem soffrem os rigores da fome; são viventes e portanto devem ser os primeiro soccorridos.

—E' verdade que eu vi, por occasião da ultima secca, se abrir em Santo Amaro muitas casas de negocio.

—Alem de que, os soccorros enviados, não podem fazer face a crise medonha e pavorosa que assola as populações do interior, ha muito quem especule com as desgraças publicas.

—E' verdade que muitos não praticam isso; porem...

—Si a illustre commissão de soccorros podesse prever esses abusos, que se dizem, seria bom.

—Capitão, avalie a barbaridade e crueza deste procedimento.

—O que será mesmo, meu Deus?

—O delegado do termo da União, provincia do Piahy, capitão Clemente de Souza Fortes, possui dous escravos, Evaristo e Romualdo, aos quaes mandou ferrar com ferro em brasa, imprimindo na testa de um a palavra *escravo* e na de outro a palavra *captivo*, para no caso de fugirem serem conhecidos.

—Passa de barbaridade!

E' uma acção de monstro!

—E é authoridade policial!

—Onde descobriria elle que o ferro na testa dos escravos é castigo permittido pelas leis do paiz?

—Deixou hontem, 14, o commando das armas desta provincia, o Sr. coronel Luiz José Monteiro.

Character recto e justicoiro, o Sr. coronel Monteiro, é dotado do coração bemfazejo.

No importante cargo que desempenhou, nunca se esqueceu de valer aos infelizes...

quanto lhe permittiam os deveres de seu cargo.

Acostumados a distinguir somente áquelles que se recommendam pelas virtudes sociaes, d'aqui rendemos uma homenagem ao merito do Sr. coronel Monteiro.

—Vae em progressão crescente o apparecimento de casas de jogo de vispora nesta cidade.

—Que a industria é lucrativa para os empresarios, indica-o exuberantemente o desenvolvimento dado a este *honesto* meio de vida.

—Entretanto soffre a moralidade, soffre o socego publico com a conservação dessas casas.

—Porem o governo que precisa de dinheiro, não se pejou de convertel-as em receitas da renda publica.

—E' a corrupção sobrepujando por todos os poros da sociedade!

—Quando se disser que tres guardas do batalhão de Brotas, no domingo á noite, andaram roubando, hão de dizer que é mentira.

—Que venham dizer a mim que os ti arrebatar doces da caixinha da Sussú, na rua do Collegio, e correrem; chegarem na venda do Albino e praticarem a mesma acção.

—Como é que a guarda nacional ha de merecer consideração, composta como está de semelhante gente!

—Na segunda feira amanheceu em nosso porto o vapor francez *Aunis*, vindo dos portos do Sul.

—Isso é velho; e foi fazer quarentena, por causa das febres amarella que estão agora grassando na côrte.

—Dizem que veio n'esse vapor muitos passageiros atacados d'essa epidemia, os quaes estão no hospital da Santa Casa, e que o provedor os quer mandar para o pavimento por cima do forum, e que ja o mandou acciar?

—Ignoro; o que sei com certeza é que o vapor amanheceu, e ja era mais de duas horas da tarde, e andava um empregado da secretaria do governo procurando o inspector da saude publica, e não havia possibilidade de encontral o!

—Ora, tambem V. é muito rigorista! O homem estava primeiro deixando sahir o ar impetado do vapor para então ir.

—Havia de ser isso.

Lá vae verso.

Quem anda pelas boticas
Vive só de pregar séca,
Quem traz chinó penteado

Sujeito sem cerimonia
Recebe os outros em cueca,
Homem velho engallicado
Não tem cabelo é careca.

Quem joga sendo infeliz
Sempre anda mui furreca,
Quem a cabeça caustica
Não tem cabelo é careca.

O sovina, o usurario,
Não tem chic'ra, tem caneca,
O velho que é presumpeoso
Não tem cabelo é careca.

As moças usam de chale,
As creoulas trazem becca,
Velho que usa de turbante
Não tem cabelo é careca.

O caçador commodista
Não mata senão marreca,
Velha de touca é coruja,
Não tem cabelo é careca.

Toca a moça o seu piano,
Toda orchestra tem rabeca,
Quem anda de carapuça
Não tem cabelo é careca.

A PEDIDO

—Estou admirado!

—De que?

—Lêa V. Ex. esta declaração publicada no *Jornal da Bahia*, de domingo 13 do corrente.

—«Não é exacto o trecho do *Alabama* de «hoje noticiando que me oppuz a um *requerimento* em que se pedia a derogação de «uma antiga acta da capella do Senhor do «Bomfim, por quanto semelhante *requerimento* não foi apresentado, nem se traçou de «tal assumpto na sessão a que assisti em 2 «do corrente para a eleição de mesarios, e «conforme foi deliberado na de 22 de janeiro. «Bahia 12 de fevereiro de 1870.—*J. Ferreira* «Lima.»

—Esta agora é que é uma de *cachupeleta*...

Pois o senhor vem me illudir com suas historias falsas?

—Capitão, não ha falsidade na historia que lhe contei; ha algumas inexactidões que eu estava para rectificar.

—Então o que é que ha de inexacto?

—E' que não foi apresentado *requerimento* pedindo que se inutilisasse a acta, que prohibe ser portuguez thesoureiro do Senhor do Bomfim; mas esse pedido foi feito *verbalmente* pelo Sr. Sampaio Vianna, e apello para a honra e probidade de todos os mesarios que estavam presentes, que digam si é ou não exacto o facto que sahio escripto no *Alabama*,

somente com a pequena alteração do que, em vez do pedido ser feito por escripto, o foi verbalmente.

O publico que avalie o escripto do Sr. João Ferreira Lima o faça a devida justiça; que julgue de que lado está a falta de verdade, si do lado do author da publicação que sahio no *Alabama*; ou do Sr. Ferreira Lima.

Aqui está uma outra inexactidão que sahio na mesma publicação quando falla relativamente as casas dos romeiros:

«..... o individuo que as legou ao Senhor do Bomfim, foi somente para «descanço dos romeiros, com a clausula de «que, si as alugassem, ou tentassem vendel-as, «ficarem pertencendo á Santa Casa da Misericórdia.»

Em lugar porem de se dizer—ficarem pertencendo a Santa Casa da Misericórdia, diga-se—em algum dos casos á cima referidos, ficarão pertencendo a Nossa Senhora da Penha. Estão pois as inexactidões! Essa é que é a verdade; mas em todo caso o publico faça o seu juizo, e V. Ex. castigue-me, si vê que mereço ser castigado!

—Mas o que ainda desejo saber é si o Sr. tabellião João Ferreira Lima, achava-se ali na occasião em que d'isso se tratou?

—Responda a propria consciencia do Sr. Ferreira Lima!.....

—Ora escutem:

D. Francisca, velha de uns cincoenta e tantos, e que tem seis filhas á casar, dizia um dia destes á sua contemporanea D. Mafalda, que está nas mesmas circumstancias:

«—Ora Você não me dirá, D. Mafalda, o que é que vão fazer tantos rapazes em casa de D. Izabel? Será *por via* das filhas?... Você já viu *caxorrada* maior?...

«—Ah!... ah!... ah!... porque ha de ser mulher?... E o pae e a mãe são tão safados, que nem se importam... Eu aguentava aquillo na minha casa?... Duvido muito!»

—Porem eu que ouvi esta conversa disse comigo:

Em casa de D. Francisca e D. Mafalda, ha muito mais *caxorrada* que em casa de D. Izabel; porem é regra infallivel que macaco não olha p'ra seu rabo.

—Capitão, trago a presença de V. Ex. este heroe, o qual, pelas alicantinas que pratica diariamente, adquiriu o distinctivo do taverneiro mais ladrão que existe entre os *Xixis*.

Este novo José do Telhado, de sociedade com o *Zepherino*, teve a sagacidade de improvisar uma taverna com garrafas vazias e potes velhos para com facilidade receber os

extraordinarios roubos de algodão, assucar e fumo, trazidos pelos negros dos trapixes 1.º e 2.º do nome da rua onde esta ave de rapina está aposentado.

—Pois elle negocia com escravos?

—Ora... com elles é que se fazem bons arranjos. Além do assucar e do algodã, vendem tambem as rações de carne e farinha que recebem nos domingos.

—E o que comem durante a semana?

—Os pacotes que desovam duas vezes por dia dá para tudo.

—A authoridade do districto não sabe disto?

Não ha uma força publica no logar!

—Pelo amor de Deus, nem me falle nisso. Aquelles soldados estão alli como si não existissem; em outro logar talvez prestassem melhor serviço.

Quanto a authoridade, apesar de ser a freguezia, onde mais frequentes são os roubos, vive sempre na concha da santa indolencia. Nunca se viu tanta inercia! Por suas barbas passam os saccos, pacotes e latas prenhes de furto e ella nem se meche!

—E o trapicheiro?

—O encarregado das descargas e arrumação anda sempre no pifão.

—E' um acabar de miseria!

Assim vae-se tudo a matroca.

A voz da escravidão.

Sois irmãos todos, todos tendes alma
Pelo Senhor creada;
O maior neste mundo
E' sempre o mais pequeno, o que mais soffre
Porque d'elle será o eterno throno.

J. ANDRADE CORVO.

Entes barbaros, crueis, que gloriae-vos
Em constante espancar aos infelizes.
Sem que a dor dilacere o vosso peito
Ao ver nas costas suas cicatrizes;

O' vós, que deshumanos agoitades
A um infeliz, como vós creado;
Que sente como vós, que tem um'alma,
Que como vós na forma é igualado;

Que como vós, tem sangue, nervos, veias.
Que como vós, possui um coração,
Que sabe sentir males, sentir dores,
E para o bem sabe ter inclinação;

Onde vossa doçura, onde existe
Esse sublime dom da charidade,
Si a uma creatura semelhante
A vós, trataes com rigor e crueldade?

Em que mostrades humanos sentimentos?
Em que mostrades de Deus santo temor?
E' provando que sois crueis algozes?

Vae tomando a imagem de...

E, por terdes comprado um infeliz,
Vos é dado o direito de foril-o?
Vos é dado o poder do trucidal-o,
Sem queredes ao menos antes ouvil-o?

Onde existe a bondade e paciencia,
Que a vossos escravos ministraes?
Será em castigal-os brutalmente?
Vos que a supplica do misero despresaes?

De que milhões de crimes sois origem,
Com o vosso proceder inclemente!
Somente p'ra escapar a vossa ira
Eil-o o escravo ante o mundo delinquentel!

.....
.....
Ao longe soa um nome—liberdade! ..
No horisonte começa a despontar
Da regeneração a aurora;
Em breve a manhan ha de raiar.

—Capitão, *Mané Pipia-céga* vae cazar.

—Ora essa é boa, e que tenho eu com isso?

—Mas, capitão, *Pipia-cega* ganha 30\$ rs.
por mez, logar de caixeiro que de um dia
para outro pode ser despedido; está no caso
de sustentar mulher com luxo?

—E é de nossa conta que elle se caze ou
não?

—Porem elle antes de pedir a mocinha e
obtel-a, disse que tinha mundos e fundos.

—E quem é essa tola que se deixou levar
por este quidam?

—E' a grande Emilia, cuja familia tem tido
questões com a gente de bordo do *Alabama*.

—Está bom a culpa é só della, porque elle
fez sua diligencia.

—Pois bem, capitão, depois do casamento
que é n'um sabbado deste mez, eu lhe contarei
cousas havidas na Feira de Sant'Anna.

—Reserve o mais para outra vez.

VARIÉDADES.

Criados cartazes.

Ha algum tempo, circulavam nas ruas de
New-York, os criados de hospedaria e casas
de cerveja com uma folha impressa nas cos-
tas. Approximae-vos e vereis a explicação: a
fólha é um jornal de annuncios, que, median-
te retribuição, se lhes prèga nas costas.

A lembrança é engenhosa; mas o officio
não deixa de ter seus perigos. Si o annuncio
de um inventor, ou de um industrial cahir
debaixo dos olhos de um concorrente e es-
quentar-lhe a bilis, quem o paga são as cos-
tas do pobre criado-cartaz.

Que Intelligencia!

Certo desembargador do nosso conheci-
mento fazendo o elogio de uma chacara que
possuia, exclamou:

—Ella é magnifica e rende-me bastante;
só o capim alimenta minha familia.

Novidades.

Filho de negro é moleque,
Nariz cumprido é beque,
Fumo moido é tabaco,
O pote quebrado é caco,
Filho de porco é leitão,
Queijo grande é requeijão.

A vida.

O soldado quer o pret,
O major quer canufões,
A policia quer ladrões,
O escrivão quer demandas.
Os sargentos querem bandas,
O barão quer ser visconde,
O conde quer ser marquez;
Tudo em fim é entremez,
Onde o povo é se compareça;
Chega a morte acaba a farça.

ANNUNCIOS.

Sociedade Humanitaria Abo- licionista.

Sexta-feira 18 do corrente, ás 6 horas da
tarde, ha sessão do conselho director, em
casa do Sr. coronel Carvalhal, á Praça dos
Veteranos da Independencia. Bahia 15 de fe-
vereiro de 1870.—O 1.º secretario, *Joaquim
C. Hippolyto*.

Roga-se ao senhor empregado publico que
mora no andar debaixo de uma das casas, á
rua do Tijolo, que venha quanto antes na loja
n. 9, sita ao Taboão, afim de pagar os alu-
gueis que ficou devendo, sob pena de não o
fazendo, publicar-se seu nome por extenso.
Bahia 9 de fevereiro de 1870.

Quem quizer comprar um burro pequeno,
bom de sella, dirija-se á ladeira de Sant'Anna,
n.º 9, que achará com quem tratar, das 6 ás 9
horas da manhan, ou das 3 as 6 da tarde.

Venda da rua da Walla n. 66.

Pede-se a dous empregados da estrada de
ferro, e a certo empregado publico, que
venham resgatar seus bilhetes, si não querem
ver seus nomes por extenso neste jornal, no
prazo de 8 dias, á contar da data desta publi-
cação. Bahia 15 de fevereiro de 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.^a

SABBADO 19 DE FEVEREIRO.

Ns. 610—611.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDEIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
18 de fevereiro de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Penha, dizendo-lhe que nos informam que nesse districto transita um preto maniaco, appellidado *Quibungo*, escravo do Sr. Caria, que tem o sestro de arremessar pedras sempre que vê creanças; e, podendo dahi resultarem fristes successos, cumpre que S. S. no caso de ser real, tome as devidas cautellas.

—Estas mulheres *charidosas* fazem tudo quanto querem no hospital da Santa Casa!

--Eu sempre julguei que com a entrada do Dr. Mendes a sorte dos doentes melhorasse.

—Illudiu-se; as cousas vão pelo mesmo caminho.

Deus sabe quantos doentes morrem pelo mau tratamento e falta de cuidado.

—Mesmo que o tempo das serventes é pouco para empregar-se nos negocios e mandados dessas mulheres.

—O mingau, que se dá aos doentes graves, é comprado nas portas de vendas, do que vendem as pretas africanas.

—Mingau de milho azedo e rapadura, ou de tapioca com coco!

—De manhan, sabe a servente Joanna, com um enorme taboleiro, cheio de pratos de folha, a prover-se desse confortativo alimento para saudes debeis e estomagos estragados.

—E vão ver a quanto não orça a despeza com taes mingaus.

—Muitos doentes morrem mais pelo resguardo do que pela molestia.

As doentes, que tomam qualquer remedio, por mais forte que seja este, não tem remedio sinão irem, expostas ao tempo, á latrina, onde pela sua inconveniente collocação a ventilação encana-se na caixa da mesma, resultando que as referidas doentes recebam sobre o ventre todo o ar humido que dali se escôa.

—O que custa collocar-se um ourinol ao pé do leito da doente que toma um purgante?

—Nada; mas as charidades não querem.

—Entretanto são apregoadas como zelosas, charitativas e unicas capazes de administrar estabelecimentos taes!

—Valha-nos isso.

—O que temos?

—«O *cid idão* José Bernardo de Sant'Anna, que, na noite de 22 do proximo passado ferriu—á—Antonio Victorino de Argollo, na estrada da Valla, da freguezia de Brotas, foi preso immediatamente e achta-se na Correção respondendo a processo » disse o *Jornal da Bahia*.

—Mas a que vem a palavra cidadão sublinhada?

—Isso é meu. E' só para que não passe sem reparo a notavel imparcialidade com que o *Jornal* informa a seus leitores as occurrencias que se dão.

—Rapaz, o homem é um homem, e o gato é um bicho.

José Bernardo, embora levantasse mão homicida sobre seu semelhante, é sempre um cidadão; em quanto Antonio Victorino não passa de um pobre diabo sem os predicados para aquelle qualificativo.

—Gosto do *Jornal* porque descobre essas distincções.

—Ora veja si o brasileiro tem que invejar a sorte do paraguayo.

—Já vem com seus estampaforios?

—Desaquartellou o batalhão de Sant'Anna.

—Vire folha; foi no dia 15.

—No acto de de bandar, um guarda chegou-se ao commandante e pediu-lhe licença para requerer passagem para outro batalhão.

—E elle tem restricta obrigação de conceder.

—Pois não!

«Está preso; desarmem este homem e recolham » foi a licença que deu o commandante.

—Não tem cabimento!

—E o cidadão, que, com sacrificio de seus interesses e soffrimento de sua familia, acabava de prestar serviços á causa publica, em lugar de ir para sua casa descansar, para re-entrar em seu trabalho, afim de resarcir os atrazos que soffreu no quartel, é lançado em uma masmorra como paga de seus serviços!

—O chefe de policia não é o encarregado da segurança publica?

—E'.

—Não tem obrigação de velar pelo acatamento ao pudor publico, o respeito a honestidade das familias?

—Tem.

—Pois eu desejava pedir-lhe providencias contra o reprehensivel procedimento de officiaes da marinha franceza, pertencentes a um vaso surto neste porto.

—A *Circé*. Mas o que fazem?

—As familias estão expostas a grosseiros insultos.

A' noite, onde elles veem moças á janella, invadem a casa, sem indagarem a qualidade de gente que ali mora.

Na noite de 15, muitas familias foram accommodadas nas ruas de S. Pedro, Collegio e Atraz da Sé.

—Está o que não tinha a tripolação dos navios russos que aqui estiveram.

—Eu queria pedir á S. S. providencias não só por amor da decencia, como para evitar algum conflicto que possa resultar.

—Não tem mais que dirigir-se á repartição e procurar o homem.

—Já se deu o caso de haver algum dia que não houvesse missa no Bomfim?

—Não.

—Já.

—Quando?

—Na terça-feira 15 do corrente, e ficou muita gente lograda.

—Mas eu vi o capellão de lá, o padre mestre frei Matheus, na sachristia, perguntando por certo dezembargador, o qual tem authorisação para vender um terreno que o frei Matheus tenciona comprar.

—Pois bem; como disseram a elle que de certa hora em diante não o encontrava em casa e elle vendo que ja se ia tornando tarde, deixou de celebrar e veio para cidade tratar da compra do terreno.

—E logrou aos fieis, que se achavam no templo para ouvirem missa?

—Elles, que se contentassem com fazer suas orações.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. para rectificar a noticia que sahio no *Alabama* n. 609, de quarta-feira 16 do corrente.

—Que noticia?

—A do vapor francez *Aunis*, vindo do sul, na qual foi V. Ex. mal informado.

—Então faça favor informar-me melhor.

—O capitão do vapor morreu no Rio de Janeiro de febre amarella; ficaram la atacados dessa molestia seis passageiros, e veio a bordo do vapor um.

Chegando o vapor em nosso porto, e o inspector da saude do porto indo fazer a visita, viu que o vapor trazia *carta suja*, e examinando o doente, reconheceu estar atacado da febre amarella. Neste sentido officiou ao presidente da provincia.

O presidente então officiou ao Dr. inspector da suade publica, pedindo-lhe que fosse a bordo e providenciasse como o caso urgisse. Indo a bordo o inspector da saude publica, reconheceu que de facto o doente que vinha no vapor estava soffrendo de febre amarella, pelo que teve o vapor ficar de observação ou quarentena; mas não é da attribuição delle esse serviço, e sim do inspector da saude do porto.

Logo não ha nada a censurar-se por não ter o empregado da secretaria do governo o encontrado de prompto.

—A Deus o que é de Deus, a Cezar o que é de Cezar!

—Quanto aos doentes da febre amarella vindos para o hospital, é inexacto; porque o doente que estava a bordo do vapor, morreu poucas horas depois do vapor fundeado e seu cadaver foi lançado em alto-mar.

E' verdade que se mandou aceiar o pavimento por cima do forum; mas é uma prevenção que o provedor da Santa Casa entendeu tomar, para no caso que aconteça reaparecer aqui a epidemia, do que Deus nos livre!

—Fico inteirado.

—A policia pode invadir a casa alheia á noite?

—Pelo direito, não.

—Pois, na quinta-feira de noite, pelas 7 horas, dous soldados do destacamento da repartição da policia, acompanhados de um individuo, entraram em uma casa e fizeram proezas.

—Em que logar?

—Na travessa do Cruzeiro, mesmo na vizinhança do commandante do corpo.

Penetraram no 1.º andar da casa n. 8—A, em que mora uma africana, casada, e arrastaram-na para a rua, pelo crime de ser locadora

da loja em que mora a creoula Jesuina, que tivera uma troca de palavras com um visinho.

— Isso parece cassuada.

— Creia; a africana, apesar do velha, foi arrastada pelos braços até a rua; por muitos pedidos de pessoas da vizinhança, concederam que ella fosse mudar de roupa, sujeitando-se uma das vizinhas a ficar presa por ella, emquanto mudava de traje.

Nesse espaço, appareceu Jesuina e então os bracos voltaram contra ella suas iras, esquecendo-se da africana; Jesuina foi esbofetada, quebraram-lhe nas costas um chapéu de sol, e depois conduzida ao destacamento, de onde o subdelegado, tendo noticia, a mandou pôr em liberdade no mesmo momento.

— E creiam, á vista destas violencias que impunemente se dão, que neste paiz se respecta tanto as regalias do grande como as do pequeno!

— A charidade nesta terra só é manifestada por ostentações estrondosas.

Actos que por seu ruido despertem a attenção do vulgo, praticados em publico, e que dê motivo a que o nome do individuo circule na imprensa.

— A prova ahi está com a ideia da emancipação.

Liberta-se uma creia, escreve-se uma carta á direcção da sociedade libertadora n'outro, dia a imprensa entrega o facto ao dominio publico e o homem que passava por vil como carne de cabra, converte-se em philantropo, improvisado...

— Mas ninguem se lembra de ir socorrer modestamente a indigencia.

Ninguem vae ao albergue do infortunio compadecer-se da misera creancinha que chora com fome.

Ninguem se lembra de levar um conforto á desamparada donzella para que ella, forçada pela miseria, não seja obrigada a mitigar a fome por troco de sua capella virginal.

— Um quadro destes via-se ha poucos dias.

Uma pobre mulher, emigrada do sertão, em um corredor defronte da repartição da policia com um filhinho nos braços...

Sem cama, sem roupa, sem alimento; dormindo sobre as pedras, e isso mesmo porque uma charidosa mulher, tão pobre como ella, a chamou para ali.

Compungia ver a infeliz sem alento, no ardor do seu amor maternal, conchegando o filhinho ao seio e entregando-lhe os exaustos peitos em quanto ella abatida de fraqueza, estava a desfallecer.....

— Consternal

— Fosso aquella desditosa á porta de um potentado e teria um — *Deus nos favoreça.*

— Do que valem essas dadas pomposas si o superfluo do rico não mitiga a penuria, dos indigentes?

Si os andrajos do mendigo protestam contra os europeis dos potentados?

Do que serve tanta vaidade, tanto luxo, a par de tanta pobreza, tanta humilhação?

— Capitão, o Sr. Guilherme Nunes da Costa, muito digno subdelegado da villa do Teixeira, na Parahyba, dirigiu ao delegado do Sidoró, provincia do Rio-Grande do Norte, o seguinte officio que pode servir de modelo:

« Illm. Senhor. — Como nico a V. S. que sai desta subdelegacia, Pedro Correia da Silva morador nesta Delegacia que vai thomar a benção a seu pai, este, que vai esta morando neste Termo, desde 1865, em casa do Sr. e tem bonnis costumes.

« O qual, depois de Vr a familia, e tomar a bença; a seus Pais volta a esta subdelegacia, recommendo á Protecção de V. S. pois durante a sua estada, se portar bem.

« Deos Guarde a V. S, subdelegacia da villa do Teixeira, 8 de maio de 1869.

« Illm. Sr. Delegado de Policia, da comarca de Sidoró da Provincia do Rio Grande do Norte.

« O subdelegado — *Guilherme Nunes da Costa.* »

— Cumpre saber, que Guilherme é a primeira influencia vermelha no Teixeira, exerce ali a profissão de advogado conceituado para com os seus, sendo que é esta circumstancia que faz tornar seu officio mais digno de admiração.

— Consta que o subdelegado de Santo Antonio interrogara *Perpetua grande*, sobre o facto de ser surrada pelo amazio, e que esta negara tudo.

— Por isso não.

Tambem na freguezia da Sé, uma mulher, brutalmente espancada pelo *cambondo*, sendo chamada á presenca da authoridade, disse que nada soffrera, apesar de ainda ter no rosto cicatrizes, resultantes das pancadas. Entretanto toda a vizinhança ouviu, e o barbeiro que a sangrou e tirou ventosas está vivo e são.

— Consta tambem que o Sr. subdelegado censurara o *Alabama*, pela facilidade com que recebe certas noticias.

E' preciso dizer que, a não ser do pessoa que mereça pleno credito, não se recebem informações que não estejam bem averiguadas e quando ha duvidas nunca se affirma, ou não se publica.

A imprensa, provenindo sempre que ha suspeita de quo commetteu-se um crime, exerce um dever. A' authoridade cumpre verificar da veracidade do facto.

—Entraram no hotel Bahiano uns rapazes, e pozeram-se a gracejar.

Em uma meza visinha estava assentado um portuguez alimentando-se.

Um dos rapazes disse para os outros:

«—Qual de vossês quer uma fortuna?

«—Diga, responderam todos.

«—Uma moça, que está em casa com o titulo de donzella; mas que ja tem um filhinho; porem tem uma propriedade, uma escrava e dous contos de reis.»

O portuguez ouvindo isso, remecheu-se logo e ficou olhando para o rapaz que isso havia dito.

Os rapazes estiveram no hotel, comeram e iam-se retirar, quando o portuguez chegou-se para o tal gaiato e pediu-lhe uma palavra.

«—Senhori, disse o portuguez, bossa senhoria me arranja esta felicidade? eu quero me cazar.

«—E' gracejo respondeu o rapaz; eu estava pilheriando com os meus companheiros, senhor; não conheço moça alguma que esteja nestas condições.»

—Este prefere o dinheiro á honra!

—As loterias são um verdadeiro jogo de azar, e o jogo, de todos os vicios, é o mais prejudicial e ruinoso.

—O homem dado ao vicio do jogo, principia quasi sempre arriscando a medo insignificantes quantias; si acontece ganhar no principio, entende poder fazer do jogo sua profissão e esquece-se de todo e qualquer genero de trabalho honesto. Dorme de dia para jogar de noite; mais tarde, porem, elle vê fugir-lhe os lucros, e após dos lucros o seu capital e fortuna.

Si começa a sua carreira perdendo, exaspera-se e maldiz o momento em que se metteu no jogo; mas na esperanza, sempre enganadora, de recuperar o perdido, prosegue com mais affouteza, até se arruinar de todo.

—O jogador pobre e falto de recursos, principia por calotear emquanto pode, acabando por ladrão e muitas vezes por assassino; o rico entretém-se por mais tempo, emquanto tem que vender, e si é casado nem poupa as joias da mulher e das filhas, até que se veja reduzido á miseria, seguindo então o mesmo caminho do pobre.

—E', portanto, o jogo um dos vicios que estraga a saude, o credito e a fortuna; o que

degenerando em crime, leva algumas vezes o vicioso ao cadafalso, depois de haver commettido grandes atrocidades, e do muito ter encommodado a justiça.

Contra o jogo, pois, se deveriam promulgar leis severas, com a mais vigilante fiscalisação da policia; moralisando-se por este lado a sociedade, por tantos modos hoje corrompida.

—Mas como a promulgação dessas leis e dessa vigilancia, quando é da parte do governo que nasce o incentivo ao jogo com a concessão de muitas dezenas de loterias extrahidas todos os annos?

As loterias constituem um verdadeiro jogo publico, em que muitos perdem e poucos ganham; e esses mesmos ganhadores do acaso quando lhe bate a escassa fortuna á porta, já tem pela maior parte perdido mais do que recebem.

Figuremos um baralho de 3,000 cartas; em as quaes se contam apenas 48 com premios, muitos delles insignificantes; 810 que não dão lucro nem prejuizo e 2150 que perdem sem recurso.

Cada uma dessas cartas custa aos jogadores 6\$ rs., si escapam das mãos dos cambistas; temos portanto que em cada loteria ha um prejuizo nada menos de 12:900\$ rs. que vae se arrancando insensivelmente ao povo, já arraigado no vicio desse jogo de loterias.

—E para que as loterias sejam bem caracterisadas verdadeiras casas de jogo, até o governo tira o *barato* dos premios de 1:000\$ rs. para cima!

—Deste modo os que perdem não tem de quem reclamar os prejuizos, no entretanto os que ganham ficam sujeitos a uma contribuição!

As loterias tem sido toleradas em quasi todas as nações cultas, para acudir a uma ou outra necessidade urgente; mas de modo que nem se tornam vexatorias, nem provocam o vicio.

Entre nós as loterias são concedidas para concerto de obras publicas, de egrejas, de hospitaes, para sociedades particulares, para sustentação de emprezas dramaticas e outras muitas cousas, para as quaes só deviam concorrer as pessoas que podessem, por meio de associações ou subscrições e nunca o povo em geral, que vae pouco a pouco empobrecendo com os milhares de contos de réis que todos os annos despende, na esperanza fementida, que degenera em ruina e miseria.

Fôra para desejar que o governo se compenetrasse do mal que resulta de tantas e tão repetidas loterias, e acabasse com essa praga, que tanto assola e vicia a população.

Mas trata-se de uma questão de utilidade

publica; isso basta para que se lhe não dê ouvidos. A epocha dos melhoramentos ainda não é chegada.

A PEDIDO

Capitão, passei muito,
O que vi lhe vou contar,
Sinto não ter eloquencia
Para o que sinto expressar.

Saudades, que tenho n'alma,
Dos bellos dias passados,
Dias nos quaes se gosou
Instantes afortunados.

Na festa de S. Gonçalo
Eu fui contente ao Bomfim,
E depois arrependido
Bem triste de lá eu vim.

Na procissão da bandeira,
Eu gostei da patuscada,
Mas não do comportamento
Da nossa rapazeada.

E' por isso que as senhoras
Ja não vão á procissão,
E apreciam de fora,
Esta lusida funcção,

A festa não esteve má,
Foi uma festa *faustosa*,
Sem encontrar um esposo
Vi muita gente chorosa.

Umas ja ficando tias,
Mesmo assim com esperança;
Fazem bem, pois neste mundo
Quem espera sempre alcança.

Fogo, maquinas aos centos,
Subiam por estes ares,
E a musica da policia
Me distrahiu de pezares.

Entre o sorriso das bellas,
Que animavam o festim,
Passou-se depressa a noite
La no adro do Bomfim.

Quando saudoso revia
Dessa festa o lindo espelho,
Eis que chegou a funcção
Do bello Rio Vermelho.

Capitão, não é lisonja,
Perdeu o Fausto a influencia,
Admirei-me de ver
Do povo a grande affluencia.

Com chuva, que o ceu mandava,
Por entre o barro e a lama,
Muita gente caminhou;
A tanto se expõe quem ama.

Nymphas do Rio Vermelho,
Eu vos quizera pintar,
Faltam-me tinta e pincel
P'r'ao vivo vos retratar

Quanta belleza que eu vi
La na praia passeando,
A quanto peito captivo
O fogo de amor queimando!

Vi receber-se com pompa,
E com foguetes do ar,
Um distincto liberal
Que la foi p'ra passear.

Mas eu que não sou politico
Não deixei de reparar;
Cada um ca neste mundo
Tem seu modo de agradar.

Vi um homem sobre a corda
Dançando não, mas tremendo
E o povo aquelle quadro
Apreciar não querendo.

Boa esteve a cavallhada,
Da musica ao bello som,
Muito agradou na verdade
A gente do grande tom.

Pela noite houve leilão,
E bastante concorrido,
Era bonito de ver-se,
Estava um jardim florido.

Quando da musica ao som
Bellezas se apreciavam
E de vel-as radiantes
Os meus olhos se fartavam;

Vem a lua apparecendo,
E com ciumes ficou
E a chuva por vingança
La das nuvens despejou.

De repente toca o fogo,
Feito de todas as cores,
Em que um habil artista
Mostrou da arte os primores.

No segundo dia houve
Um theatrinho tambem,
Em que o *Bento dos pontinhos*
Representou muito bem.

Outro foi, não menos mal,
Demonstando a cerração,
A terrivel tempestade,
O medonho furacão.

Eu, capitão, que sentado
Estive n'um jangada,
Vendo o mar surgindo ao longe,
Vendo a onda encapellada;

Admirei com effeito
A terrivel discripção,

E o homem qu'em Deus não crê
Já tem perdido a razão.

Sant'Anna, porem, não quiz
Entristecer tanta gente,
Cessa a chuva, nasce a lua
Muda o tempo de repente.

Afinal houve presepe,
E o mundo Deus formou,
Mas creio, no mesmo dia,
Esse mundo se acabou.

Vi os anjinhos descerem
E Abel p'ra o ceu levarem,
Ouvi demonios berrando
E a Caim carregarem.

Mas a fallar a verdade
Esse presepe é *fiusa*,
Na cidade é irrisorio,
So no matto é que se usa.

Viu-se no Rio Vermelho,
Quadro bello encantador,
A lua no ceu sorrindo
Só nos fallando de amor.

A sua luz prateada
Derramava seu fulgor
Por sobre nevados collos,
Que inveja causam a amor.

Com alvo lenço na cabeça,
Para impedir o sereno,
Estavam as bellas nymphas
De semblante sempre ameno.

Foi uma noite de rosas,
De toda felicidade;
Mas as rosas tem espinhos,
São espinhos a saudade.

Ja São Gonçalo não caza,
E' do povo brincadeira,
Agora quem quer cazar,
Sant'Anna é a cazamenteira.

No seu dia tres senhoras
Pedidas p'ra casamento;
Os festejos a Sant'Anna
Não cessem pois um momento.

Sr. Joaquim Conde d'Eu, cuidado com o Biquiba, pois esse maldito paraguayoy quer dar cabo do menino. A creança, levando soccos desse machacaz, todas as manhans, pode vir a crear alguma molestia incognita e quando se der pela cousa é tarde.

—Sr. capitão, dá licença?

—Entre. Sei que traz cousa nova.

—Venho trazer um accrescimo ao manifesto da carga daquelle tratante.

—Pode desabafar; ficando certo que o mungueiro está a sua disposição.

—Fui ao sitio cujo o caminho é mau, porem tem *bom o fim*, assistir a abertura da *caixa*, somente para lhe contar e então lá vi o negociante dos defuntos com sua gana faminta a contar os cobres.

Deram-se scenas vergonhosas; cada qual agarrado ao cós do velhaco clamando pela importancia de seu trabalho. O discipulo de Vulcano, o homem que clarêa as ruas, o apregador de cortinados, o homem do esgaicho, e até o lenhader, pareciam cães a um osso, em cima da atarantada besta, por causa de seus dinheiros, pois que todos receiavam que a harpya batesse as azas e voasse.

Dentro da caixa encontrou se uma historia e *dous contos*. A historia era uma especie de relatorio arranjado pelo vampiro, onde queria fazer crer que havia um *vacuo* de trinta contecos.

—Estou vendo que breve abrem a fallencia ao santo, com tanta divida!

—Quando deviam abril-a a esse larapio negociante dos defuntos que tudo quanto empalma, seu ou alheio, vae despejar á noite no voltarête no *Club Calçadino*!

—Ha cousas nesta terra! Um velhaquete, que não paga a seus credores cá deste mundo, tem dinheiro para adiantar aos habitantes da côrte celestial e representa um extraordinario debito em vinte *contos* e tantas parolas! alem de uma *quitação* descontada na caixa que não quer *sociedade* no *commerçio*!

—Ora rapariga, pois V. com um cabrito por dentro da egreja?

—E' de meu amo.

—Quem é seu amo?

—E' meu senhor cura, vou deital-o no passeio para pastar.

—Isto só se vê na egreja da Sé!

—Capitão, vamos acabar a nossa historia do *Pipia-cega*?

—O que? O resultado da Feira de Santa Anna?

—Não, capitão, outra cousa.

—Pois vamos com ella.

—Conforme lhe disse, elle vae casar-se, mas agora ouça o mais serio. Encomendou uma mobilia para seu casamento por certa quantia, e estando ella em casa da noiva, o marceneiro presenciou, que não obtinha os cobres, apesar de ja estar ha tempos, e foi ter com a noiva dizendo-lhe que vinha buscar a mobilia, porque precisava de ser repassada: ella fielmente a entregou, e o marceneiro ficou com ella, desconfiando do calote.

—Isto é pilheria sua.

—E a cama, meu capitão? Ahi é que está o

melhor. O marceneiro que é *calculado*, não a quiz entregar por que ainda lhe faltavam 11\$ rs.

—Pois um homem destes está no caso de sacrificar a pessoa com quem vai unir-se?

—E' porque é descarado, e ha um outro sujeito *amarello* que vira *lobishomem* que tambem se quer casar com Julinha.

—Não me conte mais bestidades de *Pipia-vega*.

—Agora escute o resto. Quando elle quer tomar café em casa da futura, manda na padaria comprar dez reis de café e dez reis de assucar, e manda a futura para apromptar para elle.

—Isto é negocio da vida alheia; so quero saber o que houve na Feira de Sant'Anna.

—Em outro dia, capitão.

—Capitão, estive em Nossa Senhora das Candeias, capella filial á freguezia do Socorro.

—O que observou V. por lá?

—No dia 2 de fevereiro, em que se festeja a excelsa Senhora, houve a missa que se costuma celebrar todos os annos, com uma concurrencia de mais de 5,000 pessoas.

Todo campo ficou coberto de improvisadas barracas, occupadas por familias e devotos que acodem a adorar a Santissima Virgem.

—E' muito venerada a Mãe de Deus sob a invocação das Candeias.

—Causa porem lastima o estado de ruina e desabamento em que está a igreja; apenas está em pé a sacristia onde se celebra o officio divino.

—Pois a quota das esmolas com que concorrem os fieis é extraordinaria.

De toda a parte o povo que afflue para render culto á Immaculada Mãe do Redemptor, deposita seu obulo mais ou menos.

—La foi que soube que nos tribunaes move-se um pleito entre os Srs. Miguel de Teive e Argollo e Francisco Ribeiro Guimarães Lopes, proprietarios ricos, que disputam o senhorio da capella.

—Eu entendo que a generosidade e desinteresse desses cavalheiros devia levar-os a ceder a capella ao publico, pois não são 150 ou 200 braças de terra em que se acham collocadas aquellas ruinas de igreja, que augmentarão os bens de proprietarios que possuem grandes sismarias.

—Até porque, uma vez que a igreja é frangueada á veneração do publico e recebe auxilio e donativos do povo, parece que deve cessar o dominio particular.

—Si elles derem esse passo de louvavel desinteresse, a capella se reedificará de mo-

mento, porque ha muito quem se preste e queira contribuir. Pouco será preciso dispendir com operarios, conductores de materiaes, etc; que o povo a tudo se presta em louvor da Ineffavel Senhora.

Os poderes competentes nomearão um administrador ou fabricante, affiançado, que prestará contas; instituir-se-ha uma devoção para promover o brilhantismo do culto e assim o espirito religioso augmentará e o splendor das praticas augustas da religião adquirirá novos brilhos e os Srs. Teive e Argollo e Ribeiro Lopes terão mais uma occasião para dar provas de sua abnegação e cavalheirismo.

—Ou quando nada, façam uma concordata amigavel e tomem sobre si a reedificação da capella, para o que não será preciso gastarem do seu, pois o subido numero de esmolas e donativos que se recebe todos os annos dá de sobra.

Aceio da cidade.

III.

O *Diario*, occupando se da questão do aceio da cidade, emittiu uma inexactidão.

Não foi o Sr. Dez. Leitão da Cunha quem rescindiu o contracto do aceio da cidade; semelhante acto teve logar na administração do Sr. Dr. Pedro Leão Velloso.

Foi tambem este senhor quem mandou avaliar os trens e materiaes da empresa, e pôr em hasta publica o serviço.

Rescindido o contracto e posto em arrematação, não appareceu quem se propozesse a elle e continuou a ser feito sob a administração da empresa, livre por esse facto de qualquer onus ou obrigação.

Isempta de multas, a que pelo contracto era sujeita, com a cessação deste, a empresa nem por isso se descuidou de empregar esforços e actividade, quanto lhe permittiam seus recursos, para o bom desempenho do serviço.

No campo do Barbalho, por exemplo, haviam crecidos matagaes de mamoneiras, onde se acoitavam criminosos, que á bocca da noite atacavam os viandantes, e até deu-se o caso de ser assassinada uma mulher; devido á empresa hoje aquelle campo está limpo e não apresenta semelhante inconveniente.

Na rua do Bangala, o capim e a herva vegetavam a ponto de servir aquelle logar de pastagem de animaes.

Si não houvesse zelo e boa vontade da parte da empresa, livre como estava de qualquer compromisso obrigatorio, deixaria de parte essa tarefa para somente tratar das ruas mais

populosas e principaes o até reduziria seu pessoal, auferindo assim maiores vantagens pecuniarias.

Motte.

*Em servir e dar dinheiro
E' que o pobre é cidadão.*

GLOZA.

Neste paiz brasileiro
Vive o pobre a revelia,
Pois que só tem *garantia*
Em servir e dar dinheiro!
Porem ao rico altaneiro,
Por ter ouro e posição,
Ninguem lhe faz coacção,
Antes rendem-lhe oblações...
Só nas vespervas d'eleições
E' que o pobre é cidadão.

VARIÉDADES.

Resposta feliz.

Querendo uma senhora metter para freira a uma sua filha, muito feia e aleijada, lhe dizia para a convencer:

—Olha, tu és horrenda para casares, ninguem te ha de querer; assim é melhor que eu te dê a Deus.

—O' minha mãe, accrescentou ella, Vmc. não se envergonha de lhe fazer um presente tão feio?

Uma mulher para dous.

A' um juiz de New York se apresentaram dous homens pedindo a posse de uma dançarina, com quem ambos allegaram ter casado um no Paraguay e outro em S. Petersburgo.

O Juiz proferiu a seguinte sentença:

«Não pôde ter logar o processo em quanto ambos os reclamantes não justificarem que estão em seu juizo perfeito, e que não intentaram esta cauza por falta de juizo.

Será serio?

O peixe cahe no anzol,
O homem nasce innocente,
O pobre não vale nada,
Dinheiro ennobrece a gente;
Bacalhau é peixe secco,
Moleque joga peão,
Bacurau canta de noite,
Meirinho faz citação.
E' moda fumar charuto;
Soldado joga pacau,
De feijão se faz tutú,
De gomma se faz mingau;

Macaco se chama nico,
De trapo se faz papel,
De fumo se faz tabaco,
Somente abelha faz mel.

Semana tem sete dias,
Doze mezes tem o anno,
Sapato se faz de couro,
De palha se faz abano;
Borracha vem do Pará,
De Minas vem queijo molle,
De peixe se faz moqueca,
Com doudos nunca se bolle.

ANNUNCIOS.

Vende-se

requissimas palmas e capellas para anjo mortuario, na loja de Libanio José d'Almeida a rua Direita do Collegio n.º 33—A.

O mesmo declara ao publico que nada deve nesta praça e nem fora della, sendo morador e proprietario na rua direita da Cruz do Cosme.

Na loja de calçados á rua Direita da Mizericordia, n.º 17, vende-se boas formas francezas para calçados, a 2,500 rs. o par, riquissimas botinas para homens, meninos e senhoras, todas as qualidades de aviamentos para sapateiros e saborosos charutos e cigarros, dos melhores fabricantes, para os apreciadores.

Roga-se ao senhor empregado publico que mora no andar debaixo de uma das casas, á rua do Tijolo, que venha quanto antes na loja n.º 9, sita ao Taboão, afim de pagar os alugueis que ficou devendo, sob pena de não o fazendo, publicar-se seu nome por extenso. Bahia 9 de fevereiro de 1870.

Quem quizer comprar um burro pequeno, bom de sella, dirija-se á ladeira de Sant'Anna, n.º 9, que achará com quem tratar, das 6 ás 9 horas da manhan, ou das 3 as 6 da tarde.

Luiz d'Oliveira Vasconcellos, com loja de calçados á rua Direita da Mizericordia, pede a todos que se acham atrazados nessa loja em seus debitos, o favor de solvel-os quanto antes, si não quizerem ver seus nomes publicados.

Venda da rua da Valla n. 68.

Pede-se a dous empregados da estrada de ferro, e a certo empregado publico, que venham resgatar seus bilhetes, si não querem ver seus nomes por extenso neste jornal, no prazo de 8 dias, á contar da data desta publicação. Bahia 15 de fevereiro de 1870.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.^a

QUARTA-FEIRA 23 DE FEVEREIRO.

N. 612.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de fevereiro de 1870.

Não houve expediente.

—Não acho isto bom.
—E' até muito perigoso.
—Com tamanha agglomeração de povo, estes cavalleiros, no Terreiro, estarem pinoteando.....

—Faça pausa; quem pinoteia são os cavallos e não os cavalleiros.

—Está entendido,

Mas não é risco trazerem cavallos bravos, que se espantam, quando toca-se o tracafo de bombas e sobem os foguetes?

—Dizem que é para acostumar-os.

—Onde ha creanças e senhoras?

—Si a cousa fosse má, não estava no meio o ajudante dos *pitús* ensinando o seu bucephalo.

—Pois eu entendo que é das cousas que a policia devia prever: o transito de carros, e o ensino de cavallos, onde ha ajuntamentos.

Agora mesmo aquelles amansadores de cavallos iam pisando uma senhora na ladeira de S. Francisco.

—Mesmo que ha aqui na cidade dois sujeitos habeis para esse ensino.

—A cabra Clara, que rachou a cabeça da menina, soffreu alguma cousa?

—Si não nada.

—Logo vi. Ella é uma rapariga vistosa e agradável; é até mesmo um pouco *liberal*; gosta de servir a quem lhe occupa, e n'esta epocha, a gente prestimosa gosa de muitas deferencias.

—Eu tenho ouvido dizer que esta especie de gente actualmente é indulgenciada...

—A Bernardina que o diga...

—Bico; não espante.

—Mas, voltando ao caso da menina, eu ouvi o academico Macedo, que a curou, dizer que o ferimento era gravissimo.

—Entretanto, Clara, depois que o praticou, andou pagodeando no Rio Vermelho.

—Reforma ou revolução, bradam os homens do centro liberal.

—Aqui na Bahia é dispensavel, os costumes estão de todo reformados.

—E ha liberdade ampla.

—No fallar, no trajar, no andar, no proceder.

—Os doudos e mentecaptos, principalmente, tem plena faculdade de andarem como queiram.

—Antigamente, quem via, todas as manhans, uma preta maluca, escrava que foi da casa do finado Marcolino Maia, assentada na porta da cathedral, nua, tendo apenas um farrapo de panno pela cintura e trazendo um caixão atravancado de podridões e esterquilinios? ou transitando por toda a cidade neste estado?

—E Belmiro Jacaré, que, no sabbado, andou pela cidade baixa, quasi nu, mostrando em alto dia aquillo que a castidade recusa-se de ver?

—E essas scenas são vistas como cousas mui communs. Ninguem mais se encommoda com ellas.

—Já não ha desvello pelo pudor publico.

—Sabe dizer-me si a meza de Santa Cecilia ja tomou posse?

—Não.

—Porque?

—Dizem que porque ha um desfalque na irmandade e por isso os novos eleitos não querem empossar-se dos seus logares.

—Em vista d'isso, eu vou ao capitão do *Alabama* pedir-lhe providencias a esse respeito, porque sou irmão e por consequente um dos prejudicados na historia.

—Não; dirija-se ao juiz do capella que é a quem compete providenciar.

—Oh! não se pode morar aqui na rua d'Alfama! Que inferno!

—Toda noite é isto que V. está vendo, no

entanto a typographia do *Diario* defronte e ainda não censurou.

Os tambores da guarda nacional vão aprender nos campos a maneira de rufarem; mas os aprendizes de caixas da philarmonica Minerva aprendem aqui mesmo na casa da sociedade, com grave encommodo dos moradores visinhos.

— E levam até ás tantas da noite a rufarem as caixas, de sorte que parece cousa que se está no inferno!

— Diabo os carreguel

— Tambem só nesta terra se vê disto!

— Desde sexta-feira é apedrejada uma padaria na rua de Baixo, á noite.

— Inimizades talvez.

— E' o que eu supponho. As armas de Santo Estevam chovem pela frente e por detrás. No sabbado esmigalharam as vidraças, e furaram o telhado.

— E' uma peça de pôr o proprietario tonto.

— A policia prendeu um moleque, mas não descobriu cousa alguma.

TRANSCRIPÇÃO.

CORRESPONDENCIA DO «JORNAL DO COMMERCIO.»

Rosario, 2 de fevereiro de 1870.

Embarcam amanhã os primeiros batalhões de voluntarios da patria, que se retiram do Paraguay.

Cinco annos de incessante luta, cinco annos de honra, é a divisa nobremente ganha por esses lidadores, que vão procurar os lares, não de cansaço, pois que a elle nunca cederam, mas porque a sua missão está concluida. O passado desses corpos, a fé de officio dessas bandeiras, é brilhante: todo o exercito a conhece. O 40 e o 53 batalharam dia e noite á luz da publicidade; nunca se mostraram somenos aos mais valentes. O 17 trabalhou em Matto-Grosso em esphera menos esclarecida; lutou, para assim dizer, na escuridão, mas nem por isso seus esforços merecem menos attenção. Faça-se a luz no seio dos mares e ver-se-ha o horror dos combates que em silencio travam os monstros marinhos.

O 17 de voluntarios da patria é batalhão todo composto de mineiros. Formou se por occasião do maior enthusiasmo no Brazil em 1865, e recebeu a nata das cidades do Minas-Geraes. O seu pessoal era magnifico, sua disciplina, desde os primeiros dias da creação, invejavel, graças ao espirito que lhe infundira o commandante, o tenente coronel de commissão Enéas Galvão. De Ouro Preto

marchou para Uberaba em maio de 1865, em julho reunia-se ás forças expedicionarias para Matto-Grosso, em dezembro chegou ao Cochim, atravessou os pantanos de Miranda, nelles deixou innumerous companheiros, ganhou Nioac, e afinal foi levado ao Apa, completando 364 leguas de marcha.

Invadiu o Paraguay, regou a ingrata terra com o sangue de 50 camaradas, retrocedeu até o Aquidanana e foi chamado a Cuiabá, onde por algum tempo poudo descansar, vendo atraz de si 524 leguas medidas, durante 2 annos e mezes, á sola de pé. Em 1869 o batalhão teve ordem de descer para Assumpção; ahí chegou no mez de agosto e poz-se logo a caminhar. Foi a Villa-Rica, voltou para Pirayú e dahi a Angustura e Humaitá, onde espera conducção para ir ter ao Rio de Janeiro e á cidade de Ouro-Preto.

Nesse ponto fecharão um circulo immenso, cuja circumferencia se estende pelo interior de um grande continente e de parte de um oceano. E' pelo circulo que os antigos representavam a eternidade.

Estes homens caminharam uma eternidade. E durante essa eternidade quantos horrores?! A fome no Cochim, em que só houve carne escassa durante muitos mezes, a fome do Rio-Negro, em que nem carne havia e disputavam-se côcos ás aráras; a fome da retirada, em que se comiam cardos, quando os havia, em que se matavam quatro rezes para 2,000 pessoas; as bexigas em Minas, a paralyisia no Tabôco, que roubou perto de 300 vidas; a cholera nos campos de Miranda, que devorou 700 e muitos homens; os combates de 8, 9 e 11 de maio de 1867 e tiroteios incessantes até 29 daquelle mez em que só se contava com o valor do peito e a protecção de Deus; o incendio dos campos; a sêde; os paúes; a nudez; tudo, emfim!

O 17 foi o batalhão-tenacidade. Não tinha o arrojo do 21 paulista, mas possuia essa resignação immensa que se firma no dever e não dobra a serviz ante calamidade alguma.

O 17 de voluntarios fez juz á admiração de seu paiz. No tempo em que a gente de Matto Grosso cobria-se de farrapos, causava alegria o cuidado que desses frangalhos tinha aquelle batalhão. As blusas, as calças eram rotas, mas limpas. Sahiam os soldados dos charcos para buscarem agua um pouco pura e lavarem suas roupas.

A banda de musica era excellente: todos em Minas tem vocação pela divina arte. E' a patria do padre Mauricio, cujas missas o celebre Newkomm tanto applaudia. Essa musica fez echoar o sertão com as mais bellas inspirações dos grandes mestres. Durante a

retirada ainda entoava hymnos guerreiros; depois calou-se; os musicos morreram uns de bala, outros de cholera, os instrumentos perderam-se. A ultima vez que tocaram foi junto ao ribeirão das Cruzes.

O batalhão chegou a ter 900 praças. Seus officiaes eram todos distinctos. O major Vicente, o capitão Juca Duarte, popular entre todos, morreram de paralytia, este em Miranda, aquelle no Tabôco. Juca Borges, valente, incansavel, hoje o commandante do corpo; Ereok, que foi capitão aos 17 annos: Vianna, Tobias, Raymundo Monteiro, que é ainda alferes de commissão, apesar de nove lanças recebidos no peito, e muitos outros guiavam os soldados, ora para romper o circulo de inimigos ou de fogo no campo, ora para se metter nos alagadiços. Si não nos falha a memoria, o batalhão quando voltou do Apa tinha pouco mais de 200 homens, inclusive os officiaes.

Investigue-se a historia da expedição de Matto-Grosso: ella é grandiosa.

Volvamo-nos agora para a luz.

Os batalhões 40 e 53 de voluntarios se esforçaram sempre juntos: entraram em fogo pela primeira vez no dia 2 de maio de 1866. Quem foi o padrinho delles no baptismo de sangue assigna hoje a ordem do dia de despedida. O marechal Victorino levou-os á peleja, e soldado veterano, estremeceu de orgulho, ao ver aquelles soldados bisonhos.

No dia 24 de maio, na grande batalha de Osorio, o 40 e o 53 estiveram soberbos. No dia 16 de julho, nessa luta tremenda ferida pelo inelyto Polydoro, ainda se acharam nos pontos de maiores apuros. Fizeram parte um da 1.^a divisão de infantaria, o outro da 6.^a, e durante sete mezes de bombardeio seguido sustentaram o flanco esquerdo da frente de Tuyuty, acampados nas linhas. A marcha de Tuyú-Cué, a de Pará-Cué a Palmas, as batalhas de dezembro de 1868, as de agosto de 1869, foram successos presenciados por esses batalhões, que poderão, como os soldados de Napoleão, dizer—ahi estive.

Os commandantes dos batalhões ns. 40 e 53 são os bravos coroneis Faria Rocha e Barros Vasconcellos, este de Pernambuco, aquelle da Bahia. Hoje despedem-se elles dos seus companheiros e abraçam aquelles homens de quem foram ajudados ou a quem soccorreram tantas vezes em momentos supremos.

Levam um recado—saudar por todos nós as plagas do nosso Brazil!

A PEDIDO

—Capitão, leu o *Jornal da Bahia* de hontem?

—Li; mas o que ha?

—Não viu um escripto do João Alves Peireira de Vasconcellos em que se defendia da denuncia que deram ao subdelegado de Santo Antonio de que elle queria apedrejar a casa de uma familia?

—Sim; falla n'uns Gouveias.

—Não acha isso uma baixeza da parte dos calumniadores que se constituiram gratuitos inimigos do rapaz para desconsideral-o e andam inventando historias?

—E' verdade.

—Dizem até que no dia 19 do corrente, em que houve um casamento na familia, a porta da casa esteve com um piquete.

—Talvez prevenção por causa das duvidas.

—Os intrigantes são sempre covardes.

Foi bom o subdelegado ir, porque podiam esses desaffectedos do rapaz, de proposito, apedrejar a casa para lançarem a culpa sobre elle; eu tenho visto muita cousa.

—E' o que não duvido. Assim foi bom fazer-se o casamento á *militar*.

—Capitão, venho lhe contar.

—Negocios da vida alheia?

—Uma descoberta que fiz.

—Diga p'ra ver.

—Nos *permanentes*, ha um official, cuja dona da casa, é *vudunça feita* do terreiro do africano Ze Rolavo, na Quinta das *Devotas*, e *carrega* (adora) a *O'xalá*, que em lingua africana significa *santo* mais velho (Padre Eterno).

Outro dia, veio o santo na cabeça da seguidora das crenças africanas, o qual, predisse ao cujo que elle estava para ser demittido brevemente e que, para o não ser, havia de lhe dar um *abou* (carneiro), meia canada de *épu* (azeite), dous *acucó* (gallos), um *kessé* (pagaio da costa), *obis*, *colla*, *atás* e *oro-bós*, doze de cada um, para fazer um *ebó* (cumprimento de preceito para alcançar qualquer graça) com o que não so arredaria o mal que lhe estava imminente, como passaria a capitão.

O credulo melro, mais que depressa comprou tudo e la foi levar ao industrioso *gombono* (chefe da seita).

Elle mesmo foi o sacrificador que immolou o carneiro, de cujo sangue bebeu algumas gottas; depois seguiu-se a cerimonia burlesca do *forican-abou*, que consiste em dar leves marradas na cabeça do animal morto, em quanto o preto engrola certas palavras.

Depois do *von-siçá* (sacrificio), seguiu-se uma especie de dança chamada *bonadué* e o nosso official muito ancho enfeitado de *gés* (contas) tomou conta do *nacucu cuim* (taba-

que) e começou a bater desmesuradamente, em quanto as *filhas da casa*, em desvoltas e extravagantes posturas, dançavam.

—Até os homens mettidos nestas patifarias!

Eu não sei como si tem duas crengas.

Acreditam na religião catholica, e rendem cultos a grosseiras superstições transportadas d'Africa; fructo da importação daquelles povos para nosso paiz.

—E o mais singular é por ser um official de *permanentes*.

—Quem é esse visionario, homem?

—E' um cuja casa não tem porta, tem *portella*.

—Onde mora?

—No *declive* da fonte de *pau*.

—Ah, ja sei quem é. Faz bem de andar se agarrando pelas paredes. Esse magano, de mais a mais, gosta de seduzir meninas e enganar-as.

—Como os *candomblés* em *Latronopolis* se hão de extinguir, si os mesmos que são obrigados a perseguil-os vão se soccar nelles?

—E o governo que não remunera um homem com tão boas prendas!

—Capitão?

—Eim.

—Eu quizera saber si o alferes Antonio Joaquim de Sá, do 5.º batalhão, destacado no Engenho da Conceição, manda na fazenda alheia.

—E' cousa que lhe interessa?

—Curiosidade somente.

—Então não se importe.

—Mas eu queria saber si elle tem authoridade para agarrar um menino, tomar-lhe um feixe de cannas, que o mesmo conduz á mandado de seu pae, e dar-lhe meia pataca? Isto no sabbado.

—Si fosse no domingo, eu poderia responder.

—No domingo, não, que andou elle passeiando á cavallo pela Calçada.

—Então abandonou o posto?

—Elle que o diga.

—Homem, V. falla cousas...

—Capitão, ha agora um tal Sr. Barbosa, que é o *Olympio Regis* moderno.

Chanforneiro, provocante e turbulento.

—Onde mora esse energumeno?

—E' caixeiro de uma loja de charutos por baixo do Renaldy, á rua Direita de Palacio.

—Já sei onde é.

—De mais, tem a graciosa habilidade de inculcar-se tenente de voluntarios, e muitos o comem por tal.

Por toda parte faz *perluvios* esse *valadario* nocturno.

—Ainda ha poucos dias, fez um sarceiro na casa de umas *atrapalhadas* á rua da Misericordia.

—Macreacção não é valentia, mas o Sr. Barbosa entende que bebedeira é atrevimento, e finge se monado quando quer tornar-se insolente.

Sexta-feira, elle e um José Augusto, espancavam a um inerte mutilado da guerra, que encontraram descansando no passeio da rua.

—Que brutalidade!

—Um rapaz que passava, procurou arredeal-os desta má acção; porem, não sendo atendido e sendo tambem de *briga*, calçou o pé.

Um moço da visinhança, casado, livreiro, sahiu para apasiguar a contenda.

E Barbosa, em lugar de *accommodar-se*, conspirou-se contra este: não houve asquerosidade e insulto que não lançasse sobre o livreiro e a honestidade de sua mulher. Isto, em vozes de atroar.

—Falta de policia.

—Essa dona appareceu e prendeu o turbulento á ordem do chefe; mas soltou-o immediatamente, pelo facto de elle dizer que era tenente.

—E conserva-se um homem desta qualidade no meio da gente pacifica e ordeira!

—Elle tem feito tantas que menos que fôra bastava.

—E continuará enquanto lhe consentirem.

Roga-se a certo gallego, caixeiro de um armazem do caes das Amarras, que não falle tanto da vida alheia; do contrario passará pela decepção de ver seu nome nas columnas deste jornal.

O Zé da mulata.

VARIÉDADES.

Cousas que não falham.

Pega a lavadeira na roupa,
A costureira na agulha,
Os rapazes fazem bulha,
E o cão entra na toca;
Os dentes nascem na bocca,
As piteiras nos vallados,
Os pretos levam recados,
Os oleiros fazem potes,
Os alfaiates capotes,
Amantes fazem agrados.

ANNUNCIOS.

Nesta *typographia* precisa-se de um distribuidor (*typographo*).

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 62.^a

SABBADO 26 DE FEVEREIRO.

Ns. 613—614.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
25 de fevereiro de 1870.

Officio ao Exm. Sr. commandante das armas, dando-lhe sciencia do irregular comportamento das praças invalidas destacadas no Barbalho, as quaes sahem pelo campo em trajas indecentes, embriagam-se constantemente, travam rixa uns com os outros e insultam-se de parte a parte com palavras injuriasas e obscenas, sendo raro delles o que não anda armado de punhal ou rewolver. Espera-se que S. Ex. providencie de maneira a cessar taes inconvenientes.

—Ao Illm. Sr. mordomo das obras da Casa Santa Misericordia, pedindo-lhe que mande engastar a bica do sobrado n. 20, ao Maciel de Baixo, pela razão de que, em havendo alguma chuva, fica a rua enlameada em consequencia da calça e barro de que está ella cheia, proveniente do concerto que se está fazendo na propriedade immediata

Espera-se ser attendido.

—Não sei do que serve haver soldados de policia pelas ruas, si elles não comprehendem suas obrigações.

—Que por toda cidade se commettam des-acatos, é para lastimar a faltã da força publica; mas aqui no Terreiro, onde ha sempre duas patrulhas, não tem cabimento aquillo.

—Todos os dias é semelhante escandalo!

A's 5 horas da tarde, senta-se aquella rapariguita nã porta da igreja á espera que o amasio saia do hospital, e ali, como se estivessem onde ninguem os visse, praticam o que o Sr. está vendo.

Braço passado por cima do outro, perna trançada, e quanta obscenidade se pode praticar.

—E os soldados encostados nas arvores como estafermas!

—Talvez quem não tenha visto ache isto

exagerado; mas que o digam as familias que moram de lado da igreja do Collegio.

—E o chefe de policia se duvidar que indague do seu agente Vicente, que tambem já viu.

—Capitão, aqui está uma informação que trouxeram a V. Ex.

—Abra e leia.

—Eis o contheúdo:

O fiscal geral encontrando hontem, 21, n'um talho ao Cabeça, vendendo-se carne depois da hora marcada, multou ao carniceiro e apprehendeu a carne, a qual mandou deitar ao mar por um ganhador, acompanhado do guarda municipal Manuel do Sacramento Dantas.

Este, chegando as Pedreiras, dividiu parte da carne com alguns conhecidos, e a melhor levou para sua casa, pagando pela torna-viagem 80 rs. ao ganhador.

—Não é bicha de sete cabeças.

A carne virada que se lança ao mar é comida pelos peixes; os peixes vem ao mercado para abastecimento da população. logo pode-se tornar prejudicial á saude publica; e por tanto o previdente auxiliar da policia municipal assentou que dava melhor destino em seu buxo a uma cousa que podia ser nociva a todos.

—Quando sahio a *Chronica Religiosa* a sua redacção remetteu-nos o primeiro numero; em retribuição enviamos-lhe tambem o *Alabama*.

No 4.^o ou 5.^o numero porem formalisouse e bruscamente interrompeu a troca, estamagada por simples palavras que dissemos a proposito de haver aquella folha publicado que a igreja de Brescia contou trinta e um bispos santos, com interrupção de um que morreu de morte subita *por ter tido a temeridade de enterrar o corpo de um homem mau em logar sagrado.*

—E V. Ex. faz caso disso?

—Eu!

São bondades de que não me importo.

—Pois então deixe a pequenez da acção com quem a praticou.

—Si registro o facto é apenas para que se aprecie a fatuidade de certos fôfos orgulhos, a egoistica presumpção de certas improvisadas balofas capacidades, acobertadas por uma simples casca de noz, a altiva jactancia de quem quer para si o dom da inviolabilidade, porque V. tem visto, aqui mesmo, o jornalismo em exaltada polemica, sem que se suspendam esta pratica de permuta.

—A tolice é irman da presumpção.

—Pela troca não damos cavaco, porque o *Alabama*, em sua humildade, tem a honra de se corresponder com os mais notaveis órgãos da imprensa, não só do imperio como tambem da Europa, e no genero religioso recebe a *Estrella do Sul*, a *Imprensa Evangelica*, a *Voz do Christão*, a *Cruz*, a *Fé*, a *Consciencia Livre*, a *Estrella do Norte* e a *Voz da Religião*, folhas estas que a *Chronica Religiosa* está muito distante dellas em illustração.

—Capitão, como sei que V. Ex. foi, é, e sempre será em prol da causa dos infelizes, venho pedir-lhe que clame em favor dos doentes do hospital dos Lazaros.

—O que ha a respeito delles?

—Acabam de communicar-me o seguinte:

«Os enfermos daquelle hospital são maltratados, vivem mortos a fome, presos n'um quarto escuro, passando o dia (quando presos) sem almoço, sem jantar, sem ceia, fecha-se-lhes ás 4 horas da tarde a porta da enfermaria; tira-se-lhes a dieta que dá o doutor; os doentes são espancados, como dizem, succedeu a Valentim e ameaçados de chicote, etc.»

—Tudo isso, si é exacto, acontece porque S. Ex. o Sr. barão de S. Lourenço ignora, pois si houvesse chegado ao seu conhecimento elle teria dado as necessarias providencias; mas eu vou communicar-lhe em nome dos infelizes que soffrem.

—Ca... pi... tão..., ca... pi... tão....

—O que tem, homem?

—Eu... vi... vi...

—Viu o que? falle.

—... um phantasma!

—Aonde?

—Ali na rua do Pão-deló.

—De que especie é esse phantasma?

—Elle apparece á gente em figura de um homem alto, barbado!

—Cá... cá... cá... cá...

—De que ri-se V. Ex.?

—Porque julguei que os tolos ja se tinham acabado; mas elles ainda existem.

O que V. chama phantasma, é o namorado de uma moça que mora por aquellas immedições, em uma loja, que leva rondando até fora de horas, assim de fallar com a sua namorada.

—O que diz V. Ex.? Pois levei uma carreira até aqui, suppondo ser alma do outro mundo!

—Não creia n'isso, meu pateta, o spirito que vae não torna, salvo os evocados pela associação spiritica.

—E essa! Que vergonha!!

—A festa do Senhor do Bomfim este anno esteve brilhante.

—Menos na parte do palanque, cujo auctor pode limpar a mão á parede.

—Porem tudo mais foi excellente.

A armação foi prima; o artista que a desempenhou esmerou-se e apresentou cousa digna; a musica esteve sublime.

—Assim não fossem tantos capadocios desrespeitar o templo com seus namoros.

—Então, meu patusco, já está preparado para o carnaval?

—Dos pés a cabeça, capitão.

—Eu sei que V. não perde a folia.

—E este anno que o folguedo está com uma pompa extraordinaria.

—Faz bem; a rapazeada emquanto está no seu tempo deve se divertir.

—Não ha distracções: são tres noites por tanto que vou desfructar no theatro de S. João.

—Divirta-se, divirta-se.

Em tudo tem entrado a moda.

E' innegavel, que as posições, os geitos, e movimentos do nosso corpo concorrem grandemente para nos tornar agradaveis, ou fastidiosos, graves ou burlescos, importantes ou ridiculos; e d'aqui a necessidade de formar bons habitos nas moças desde os seus primeiros annos.

Meninos e meninas avesam-se a metter os pés para dentro, e ficam com andar de papagaios e suias.

Quantas moças ha por ahi, que pisam com tanta força, que parecem quererem botar tudo abaixo!

Outras não sabem andar senão remeneando-se, como se estivessem dançando o velho lundú chorado.

Outras pelo contrario tem um passinho tão miudo, tão igual e ao mesmo tempo tão apressado, que parecem umas rolinhas passeando no areal.

Uns trazem sempre a cabeça a uma banda,

outros tão empinada para traz, que parece estão engolindo espetos.

Este traz sempre os hombros tão levantados, que assemelha-se a um frango molhado; aquelle, quando anda, parece quer voar, por que tem os braços abertos, como azas de passaro.

Aquelle outro, si falla, é gesticulando, e manuteando, que parece um energumeno.

D. Emilia, alias bem parecida, está sempre a fazer carêtas, ja pisando com os olhos, ja mordendo os labios, ja fungando, como quem toma esturro.

D. Ritinha, é galante, mas adoptou o habito de trazer sempre os braços com os cotovellos pregados nas costellas, e as mãos momentaneamente penduradas, assim pelo modo por que a galinha põe as pernas, quando a sustentam pelas azas.

Agora o grande tom nas senhoras é a frente inclinada para diante, assim a modo de quem quer romper um grande concurso de povo, e as ancas pelo contrario bem proeminentes, como de pessoa que sobe uma ladeira ingreme, e tal é principalmente a mimosa posição das quadrilhas.

Sujeito ha com tal geito no andar, que parece que vae por ali dando umbigadas. Outros, porem, apresentam-se tão tesos, e empertigados, que parecem feitos de madeira.

Porque D. Chiquinha que não é mal parecida, ha de franzir a testa, e por-se tão carancuda, que parece, anda zangada com todo mundo?

Porque D. Mariquinhas, que alias tem bons olhos, sempre os dardeja de revez, assemelhando-se ao porco, que fortemente caminha para o roçado?

D. Tété tomou o vêzo de arregalar os seus de maneira, que parece que: fazer medo a gente.

Estes e outros defeitos procedem ordinariamente de denguiçe e demasiado apuro; alguns, porem, ha provenientes do deleixo, e grosseria, e não são menos dignos de censura.

D. Totonia não anda verdadeiramente, chateia.

D. Janoca encolhe os hombros, como quem está dizendo—que me importa?—, e atira os braços de maneira, que parece que os quer botar fora,

D. Loló marcha tão dura, e arrogante, remeneia-se com tal força, que faz tremer todo o assoalho.

E o que se não observa a respeito das risadas?

Sujeito ha, que em vez de rir, orneja tal qual um burro, e tanto manuteia, taes perna-

das dá, que nessas occasiões é incommodo o estar ao pé delle.

Alguns, pelo contrario, querem inculcar-se por inalteravelmente serios, suffocam o riso e parecem pombos arrulando, ou apenas o vão soltando aos bocadinhos, e vem a assemelhar-se aos fracos relinchos de cavallo.

Outros quando riem com gosto fazem mil carantonhas, dão patadas, atiram-se por cima de cadeiras e canapés, dão gritos, urros e gemidos que parecem loucos furiosos.—Conheci um destes, que em se rindo cuspi e espancava a quantos lhe ficavam de redor.

No bello sexo ha risada singella e risada dobrada; ha riso solto, e riso de carretilha; ha riso de tiple, e riso de tenor, e em algumas encontra-se riso de voz de baixo. Umas quando riem escancaram disformemente a bocca, o que é muito feio, mormente si as sujeitas tem maus dentes: outras pelo contrario tendo presumpção de bocca pequenina, encolhem os labios de maneira que o riso lhes sahe coado, e quasi como um assobio.

Risada singella é a que vae como cantada no mesmo diapasão; a dobrada porem salta á terceira, á quinta, á sexta e á oitava. Riso solto é no mesmo tom, com cadencias desligadas, como v. g. o canto-chão: riso carretilha muda de tons, vae aos saltinhos, e as vezes compõe-se de fuzas e semifuzas. O riso de tiple é agudo e forte; o de tenor é em meia voz e doce; o baixo é grosso, rouquenho e ouco.

Até ha pessoa que estando a rir, todo o mundo julga que chora, e se lamenta á força de açoitões que lhe estão dando; e outras chegam a ganhar tal qual um cãozinho com pulgas,

Nada ha que escape á jurisdicção das modas. Até as cortezias, e mezuras lhe estão subordinadas.

Antigamente em um homem inclinando mais ou menos o corpo para diante igualmente, tinha feito a sua cortezia segundo a qualidade, posição, ou jerarchia da pessoa a quem cumprimentava.

A senhora fazia a sua mezura, erguendo um pouco os vestidos com os dedos de um e outro lado, e abaixando-se nesta posição mais ou menos conforme á pessoa, a quem dirigia.

Hoje a moda tem adoptado outros geitos. O homem deve cortejar com a cabeça á banda, os peitos bem atirados para diante, como gallo brigando e as ancas e pernas, que fiquem bem para traz.

A mezura da senhora consiste em puchar para diante o pescoço, e logo tornal-o a traz á maneira da gallinha, quando quer engolir

uma cobrinha, a cabeça um tanto inclinada para o lado esquerdo (por ser o do coração), as ancas, já se sabe, bem estufadas; e tudo é feito, dando um pequeno passo para a frente.

Parece, que todas estas cousas são indifferentes; mas ellas concorrem para nos tornar agradaveis ou desagradaveis na sociedade; e por isso cumpre, que ponhamos algum cuidado em corrigir as faltas, que por ventura tenhamos a este respeito.

A PEDIDO

Oh! quanta cousinha boa
Estês olhos não tem visto
Por esse mundo de Christo
Onde tenho andado átôa?
Mas antes que o verme rôa
Este corpo já cansado,
Hei de deixar publicado
Meu quaderno de memorias;
Não são contos nem historias,
São versos de pé quebrado.

Dirá agora o leitor,
O que temos nós com isto?
Guarde lá o que tem visto,
Não nos *masse* por favor...
Porem, meu charo senhor,
Tende alguma paciencia,
Desculpae a impertinencia
De um pobre vate atrevido,
Que tambem já tem soffrido
Dos burros muita insolencia.

Um dia no meu caminho
Eu fui acotovellado
Por um peralta adamado
De luneta no focinho;
Encolhi-me n'um cantinho,
Deixei-o passar á frente
Com seu ar impertinente
E chicotinho na mão:
Este bicho era um *leão*,
Mas nunca devorou gente.

As pernas movia á custo
Na calça muito estreitinha;
Um *sacco* justo lhe vinha
Aos quadrís morrer de susto:
Fazia-lhe sombra ao busto
Uma juba ou cabelleira:
Trazia a mão na algibeira;
Tinha os bigodes torcidos,
Os botins muito polidos
E nem vintem na carteira.

Não completei a pintura,
Falta ainda um bocadinho:
Era um alvo chapelinho
No cume da coma escura;
Que verso! que prosa dura!

Gritará muito sugeito
Ao ver o sublime effeito
Da minha cacofonia;
O que gritar tem fatia...
Verão que traz flor no peito...

Si o tafúl vê na janella
Alguma moça bonita,
Elle o focinho arrebita,
E não tirá os olhos della;
Mas si a timida gazella
(Moça fina de salão)
Foge logo do balcão
Para mostrar que não quer...
Diz o tafúl—é mulher!
Mostrou que fiz-lhe impressão.

Segue o nosso carcavista
Para a cidade de baixo
E si põe a palestrar
Na porta de algum lojista,
Lá, com visos de impostor,
Olha os pobres caminhantes,
Mas si moças elegantes
Passam junto do Narciso,
Eil-o já com um sorriso
Forjando ditos galantes.

Si conhece uma franceza
Elle lhe diz: *bon soir*,
Mas si ella toca a fallar,
Eil-o já co'a lingua presa;
Só responde na incerteza,
Oui... c'est vrai... eu entendo...?
Tres bien... eu comprehendo...
Je vais faire encore un tour...
Madame... adieu... bon jour...
Quelle nuit... está chovendo.

Vive o tafúl na illusão,
Que a mulher bستا avistal-o
Para querel-o e amal-o
Com violenta paixão;
Tanto pode a presumpção
Em cabeça sem miolo!
Deixemos-lhe este consolo
Em quanto a realidade
Ao tafúl não persuade
Que elle faz papel de tolo.

P. A.

—O padre Cruz resuscitou.

—Onde o viu?

—Vae ali a imagem delle.

—O que, homem!

Não tem paridade. O outro era moreno e aquelle *formigão* tem a côr de cera desbotada.

—Si não tem semelhança na figura, o imita perfeitamente no desordenado impudor, na desenfreada sensualidade, na immoderada incontinencia.

Desconjurol

Nunca vi formigão mais desregrado.

--V. me parece prevenido.

—Aquillo é porco immundo com pretenções de onça, é a aberração do honesto, a personificação da impudencia.

E' pena que não exista Sodoma para nella ir habitar aquelle bugre.

--Que mal lhe fez o homem para estar tão agastado contra elle?

—E' porque V. não sabe que joia é.

Aquelle relaxado perverte a infancia para maus e ignominiosos caminhos.

Ha de vel-o sempre rodeado de creanças a quem illude com presentinhos e dadivas, para melhor encarreal-os no degradante vicio de que é o protagonista.

—V. está fazendo uma carga demasiada.

—Quando eu lhe expuzer os factos desse fardo de dissolução, estreiados nas *Cannas do Vieira*, transmittidos sacrilegamente para debaixo das abobadas sagradas de um templo e actualmente representados com incrível protervia n'uma rua *calçada*, V. se convencerá que aquelle *aprendiz de celebrante* quando galgar a *ordem* a que aspira, será o escarneo vivo da moral.

—Pelo seu dizer o homem é o receptaculo de todas as manchas!

Nem tem a pureza de *S. Francisco*, nem a castidade de *S. José*.

—E' a *correia* que prende todos os vicios á *alameda* da depravação.

E V. vae ver.

(Continúa.)

Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.

A impunidade dos traficantes da freguezia das *cinco badaladas* armou-lhes agora o braço para descarregarem sobre crianças, e logo contra homens. E' o caso.

Ha 20 dias, o muito recommendavel *Zé Zeferino*, prevalecendo-se da superioridade de forças, e por emboscada, á noite, na bodega do não menos recommendavel *Chétas*, quebrou, com um pau, a cabeça de um crioulinho de 12 annos, filho de africanos libertos; fez-se corpo de delicto, houve queixa, e foi o *amavel* chamado a subdelegacia, onde confessou o crime; e vendo que o negocio ia-se tornando serio, escreveu um bilhete, que mandou pelo ordenança (que é mais delle do que do subdelegado), ao *primo caboré*, e este apresentando-se perorou e orou com tanta eloquencia, que o subdelegado ficou maravilhado de tão fortes e valiosas razões, mandando em paz o *innocente*.

Esta impunidade deu logar a que um atrevidissimo moleque do mesmo *Zé Zeferino* se julgasse authorisado a arremessar um pausi-

nho e quebrasse a cabeça de um menino branco de 6 annos, na tarde do 21 do corrente.

Um filho do subdelegado, que mora defronte, levou nos braços o menino lavado em sangue; o subdelegado tomou o encommo de ir á tasca do tal *Zé*, olhou para o offensor e disse que, havia poucos dias, tinha pessoa d'ali quebrado a cabeça de outro menino, e... mais nada...

Escravo e senhor lá estão fazendo novas proezas.

Permitta, Sr. Dr., que diga d'aqui: viva o *Zé Zeferino* e a policia da minha freguezia.

Accio da cidade.

IV.

Por acto datado de 21 do corrente, resolveu o governo da provincia suspender, do 1.º de março em diante, o serviço do accio da cidade, á cargo do ex-empresario major José Antonio da Costa Guimarães, encarregando a policia de providenciar sobre a limpeza das ruas e accio das casas, para o que authorisou-a a dispendir até 2:000\$ réis mensaes.

Embora o acto do governo não o declare, parece natural que fica restringida a pratica a que estava habituada a população de depositar o cisco nas portas para ser apanhado pelos carroceiros, pela manhan.

Nesta terra, onde é tão resumida a circulação da imprensa, onde o indifferentismo pelo jornalismo é tal, que, mesmo muitos que podem, não assignam gazetas, a medida por precipitada, vem crear tropeços e vexames no povo.

As classes pobres e ignorantes, a multidão de africanos que habitam na cidade são alheios aos movimentos da publicidade, e na ignorancia da subita transformação terão de infringir as leis municipaes e incorrer em uma multa immerecida.

D'ahi os conflictos e imprudencias; as arbitrariedades e tropelias.

Tambem o acto não explica os logares em que se deverá fazer o despejo do cisco, e é outra duvida com que terá de lutar a população, emquanto a policia não tomar a deliberação de declarar-o.

A razão em que se baseou o governo para suspender o accio das ruas, allegando a avultada despeza que pesava sobre os cofres, não procede, porque nenhum particular, nem a camara municipal se julgaram habilitados a fazer o serviço por menos; e o povo de quem se exhaure os impostos tem direito a exigir essa commodidade, embora incompleta, mas de que lhe resultava alguma economia.

E' clamorosa injustica na quadra calamitosa que se atravessa, sobrecarregar o povo com mais esse gravame de despeza, sem entretanto allivial-o de algum ramo dos onerosos tributos que paga.

Esses 80:000\$ rs. que se diminuem na despeza publica serão applicados em algum melhoramento ou commodidade?

De certo que não.

Entretanto que o povo continuará a pagar os mesmos enormissimos impostos que lhe arrancam directa e indirectamente; accrescendo mais um addendo com a despeza de conductores do lixo.

Será condição de hygiene publica promover a agglomeração, dentro de casa, de lixo e corpos sujeitos a putrefacção, porque a pobreza que não pode pagar todos os dias a um conductor para lançar semelhantes materias fora, se verá na necessidade de ajuntal-as para economisar despeza?

Nas casas da freguezia da Sé, pela maior parte humidas, baixas, apertadas, sem respiração, sem quintaes, nessas moradas subterraneas, tão communs nella, onde o ar é viciado pelas emanções das commuas no interior das habitações não será um perigo para a saude?

Taes inconvenientes o governo parece querer obviar, quando em seu officio a camara municipal diz que a população sempre passou sem este conforto de poucos annos, sem com tudo se julgar infeliz.

De sorte que nunca se deve promover uma ideia de utilidade ou melhoramento, porque o povo estava acostumado a passar sem ella!

Muito bem! Tambem até certa época não havia cholera, febre amarella e outras epidemias.

A policia, pobre insensata, entra em tudo isso como Pilatos no Credo.

Salta aos olhos que nada poderá fazer; e a experiencia o vae mostrar.

Dispondo de pessoal diminutissimo, como o ha de empregar na vigilancia do aceio desta extensa cidade?

Os vadios, os turbulentos, os perturbadores do socego, regorgitam pelas ruas e a policia não os pode conter por falta de força.

As tavernas vivem atulhadas de reus de policia que nellas passam os dias, são pontos de reuniões de moleques e negros captivos que ahi praticam assuadas e immoralidades e a policia não os pode dispersar por falta de gente.

A' noite, as ruas mais populosas estão desertas de soldados e povoadas de desordeiros e desrespeitadores da decencia; as casas de meretrizes, no meio das familias, são lupana-

res de impudicas e estrepitosas orgias, ahi grita-se, dão-se desordens, insulta-se ao pudor, e a policia desculpa-se ainda com a falta de força para reprimir esses excessos e escandalos que atacam a ordem e moralidade publica.

Entretanto vae fazer o milagre de policia toda esta cidade e vedar que se emporcalhem as ruas, com meia duzia de policiaes!

O art. 3.º do referido acto, denuncia uma inepecia.

O chefe de policia é authorisado a dispender até 2:000\$ rs. mensalmente para fazer retirar das ruas e praças os depositos de immundicies, promovendo o processo de seus authores e responsaveis.

Mas como poderá a policia descobrir os infractores que tenham depositado immundicies nas praças ou distante das portas de casas?

Por meio de seus agentes?

Porem sendo assim, deverão elles prender immediatamente o infractor no acto de deitar o lixo e não consentir que o despejem na rua, e neste caso torna-se dispensavel a despeza.

Preces

Que devemos fazer todos os dias ao deitarmonos á noite, e ao levantar-nos da cama pela manhan.

Livrae-nos, Senhor,
Da vinda das irmans de charidade,
Das suas insidias,
Das suas argucias,
De sua dominação,
De sua confissão,
De sua instrucção,
De todas as suas palavras,
De todas as suas obras,
De todos os seus gestos,
De todos os seus conselhos,
De todos os seus juizos,
De todas as suas cogitações,
De todos os seus contagios,
De todos os seus males,

E condemnae para as profundas dos infernos a todos os jezuitas de sotaina e de casaca, que são verdadeiros anti-christos.

Amen Jesus.

Aconselha-se ao homem do trem do mar que não trate as partes e aos seus subalternos como se trata a marinheiros de bordo de algum navio, atirando papeis e tinteiros, por que elles não são escravos de ninguem. são pessoas livres que trabalham para viver honestamente na sociedade.

Repare que elles tem brio e vergonha, e que hão de repellir qualquer grosseria que se lhes faça.

Si tem raiva, furor e frenesi, por não satisfazer o seu gosto e os seus appetitos, empregue-os na sua Carlota do joanete que deve soffrel-os. O trem não se governa assim.

O offendido.

Sr. Redactor. — Quem lhe forneceu a noticia do padre Matheus não ter celebrado missa no Bomfim na terça-feira, 15, foi mal fundado.

E' verdade que elle não celebra lá, e sim na capella dos Mares por alma do finado Emilio Costa; mas assim praticando não commetteu falta, porque só é obrigado a celebrar no Bomfim nas sextas, sabbados e domingos.

Conheço ha muito o padre Matheus e sei que em materia de deveres elle é exactissimo. Fiz parte da meza quando elle foi capellão dos Mares e tive occasião de apreciar o que aqui assevero, que não é só por mim reconhecido. Portanto peço-lhe a inserção destas linhas por amor da justiça.

Um morador dos Mares.

—Ah! charo Dr., aproveite, aproveite.

E' muito bom ser-se authoridade para desfructar certas cousinhas.....

Ha nada como se receber uma queixa, mandar que volte ás 3 horas, quando a repartição já está fechada, e..... bico.....

Eim, maganão?

Isso é que é vidal

—Capitão, quero trasmitir-lhe uma informação que me deram.

—Pois diga.

—José Fernandes da Vigna, portuguez, marinheiro da barca *Humildade*, ha quatro mezes que não era pago de suas mensalidades.

De volta de uma viagem a um dos portos da provincia, creio que de Cannavieiras, pediu alguma coisa por conta de seu salario, e a paga que lhe deu o capitão Francisco Rodrigues da Nova, foi espancal-o desapiadadamente partindo-lhe um braço.

Vigna queixou-se ao consul portuguez, o qual á vista do estado do offendido, mandou-o recolher ao hospital da Santa Casa, fazer corpo de delicto e prometeu-lhe promover a acção da justiça contra o criminoso.

Nessa esperança esteve Vigna se tratando no hospital, das offensas que recebeu, mas quando restabeleceu-se viu que tudo se achava em fogo morto, e nada se fizera.

Procurando o consul, este mandou-o a fava, ordenando-lhe que não insistisse do contrario iria para bordo da corveta, e se dêsse por satisfeito em perder somente o salario

que tinha ganho, pois estava orientado das razões que teve o capitão para espancal-o, razões que achava muito justas.

—Tudo isso é uma fabula; o consul portuguez é pequeno no tamanho, mas na alma pode se comparar a uma pyramide em altura, e amante da justiça ha de ser como elle.

—V. Ex. é de minha opinião; e por eu não acreditar mesmo é que vim lhe contar essa caraminhola que me quizeram pregar.

—Pois então, pelas almas, não me roube o tempo.

—Capitão, venho lhe contar uma cousa.

—Adeus; ja V. vem com suas massadas.

—Não, capitão, são factos que V. Ex. gostará de saber.

—Então não perca tempo.

—Trata-se de certos namoros escandalosos, la para as bandas do Cabral, entre uma tola e um pateta que diz ser estudante.

O capitão talvez os conheça porque tanto um como outro ja tem tido questões com a gente de bordo.

—Ja sei, é *Lulu* com o seu estudante.

—*Aqui qui.*

—Continue.

—Ora, o tal asno, ia todas as tardes para defronte da cuja e ahí eram conversas amorosas e acenos, etc., porem, ou porque os meninos da Candinha tomassem conta, ou por outro motivo qualquer, o nosso homem pateta largou o ponto e foi-se fazer marcante de umas obras que se está fazendo ao pé da cuja e mudou as entrevistas para o fundo do quintal e ahí *toca-felix*. Julgavam-se seguros, mas eu que lhes ando á pista, quando vi que o tal pedante alem das entrevistas do fundo do quintal, ainda vinha rondar a porta feito caxorro, fui-me logo apoderando d'elle.

—Então onde o deixaste?

—Espere capitão; elle tanto me pediu por *S. Eduardo*, que eu não tive outro geito sinão prometter ao *Ramos* que por esta vez o deixava, mas se continuasse lhe mettia a pulitana daquelle naipe.

—E a moça?

—Esta parece me que será bom intimidal-a para que se deixe de desfructes.

—Muxingueiro?

—Prompto.

—Vae até o Cabral fazer um reconhecimento.

—Ja vou, capitão.

(Continúa.)

Senhor redactor.—Amante como sou de estudos paleographicos, deparei no meio de uma papelada velha com uma receita, que,

já por sua linguagem garrafalmente singela e rude, merece a apreciação dos amantes de antiguidades, tanto mais que, bem pensado, este «specimen» pharmaceutico póde dar motivo a profundas meditações da parte dos entendidos em materia medica e pharmaceutica, porque o desconhecido Hippocrates receita para molestia tambem não conhecida.

Atirado o problema á apreciação dos entendidos em medecina, mormente os «curiosos,» isto é, os «experientes,» é provavel que breve vejamos a pharmacopéa enriquecida com mais um «recipe,» o que, quando menos, será mais uma gota de balsamo pingada nas dôres physicas que affligem a humanidade. Nessa esperança é que peço a inserção desta receita; si assim não praticasse, eternos remorsos me pungiriam a alma. Peço que seja publicada em sua barbara originalidade.

Seu constante, etc.
Giuseppe Picciolo.

RECEITA PARA A SRA. D.

«Raparã pr.^o a cabeça anavalha e apricara panos molhados em sumos de Jmcajhão misturado Com igual Quantidade de Leite depeito eaplicados em pãnos molhados mornos etomara 2 Sangrias nos peis e nos Braços tomara 4 d. ^o na Ve alta do Braço e tomara Outras 4 d. ^o nas Costas das Mãos 2 em cada Costa de Mão=Tudo isto fara odepois de tomar 2 Vomitorio epaçados 8 dias Continuara Com—orremedio apontado a Sima ençe tempo hira tomando Bãnhos de Agua Morno estando nobanho hõra emeia—tomara 80 Bãnhos 2 p.^r dias etomados os bãnhos —Bebera 50 pirollas abeçor bentes e antacidadas e contra febrilles no çha de herua Cidreira q.^{ta} de uma oi.^{ta} demãnhão—eanoite e a Cabadas ellas—Bebera 2 mezes —Leite de BuriCa mûgido da quelle istante em qd.^{es} de hum martello the meio quartilho—Comendo Sempre Comeres face dezis tituo e a Cabados de tomar os remedios me dara parte para õ no ço governo—Com es te Reme deo háde ficar me lhor Com o fauor de Deos»

VARIÉDADES.

Annuncios

Como prova da importancia que teem todos os meios quantos se empregam para propagar os annuncios, traduzimos o seguinte epitaphio, que se lê em um sepulchro, que existe em um dos cemiterios de Nova-York:

«Aqui jaz V. H. S., que se suicidou com

um revolver. A sua morte foi instantanea. O revolver era da fabrica de Colt, systema antigo. Para casos como este, é a melhor arma que so póde empregar.»

A viuva recebeu uma somma em dinheiro, por consentir que no tumulto de seu marido se inscrevesse o indicado epitaphio.

ANNUNCIOS.

Sociedade Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convidado aos Srs. socios a reunirem-se em assembléa geral, domingo 27 do corrente, ás 10 horas da manhan, afim de discutirem o relatorio e o parecer da commissão de contas do anno findo. Bahia 23 de fevereiro de 1870.—O 1.^o secretario, *Joaquim Cassiano Hippolyto.*

Vende-se a venda á rua do Fogo, 39, em Itapagipe; a tratar na Ribeira do mesmo lugar n. 67.

Manuel Friandes, mestre de obras de pedreiro, declara a seus freguezes e amigos que está morando no becco das Hostias, 190, onde pode ser procurado para qualquer trabalho de sua profissão.

Luiz d'Oliveira Vasconcellos, com loja de calçados á rua Direita da Mizericordia, pede a todos que se acham atrazados nessa loja em seus debitos, o favor de solvel-os quanto antes, si não quizerem ver seus nomes publicados.

Bailes mascarados.

**NO THEATRO DE S. JOÃO.
sabbado, domingo e terça-feira.**

Ricos e pobres, chegae-vos

A' folgança e alegria;

Do carnaval delirante

Bate á porta o grande dia.

Tudo o que honver de elegante,

De confortavel a pança,

Encontrarão os convivas

Nos intervallos da dança.

Lauta meza, vinhos finos,

E tudo com profusão,

Hão de realçar o brilho

De tão magna funcção.

Avante, rapazeada!

O pagode vos convida;

Com dois bicos gozareis

Bellos momentos na vida.

Nesta typographia precisa-se de um distribuidor (typographo).